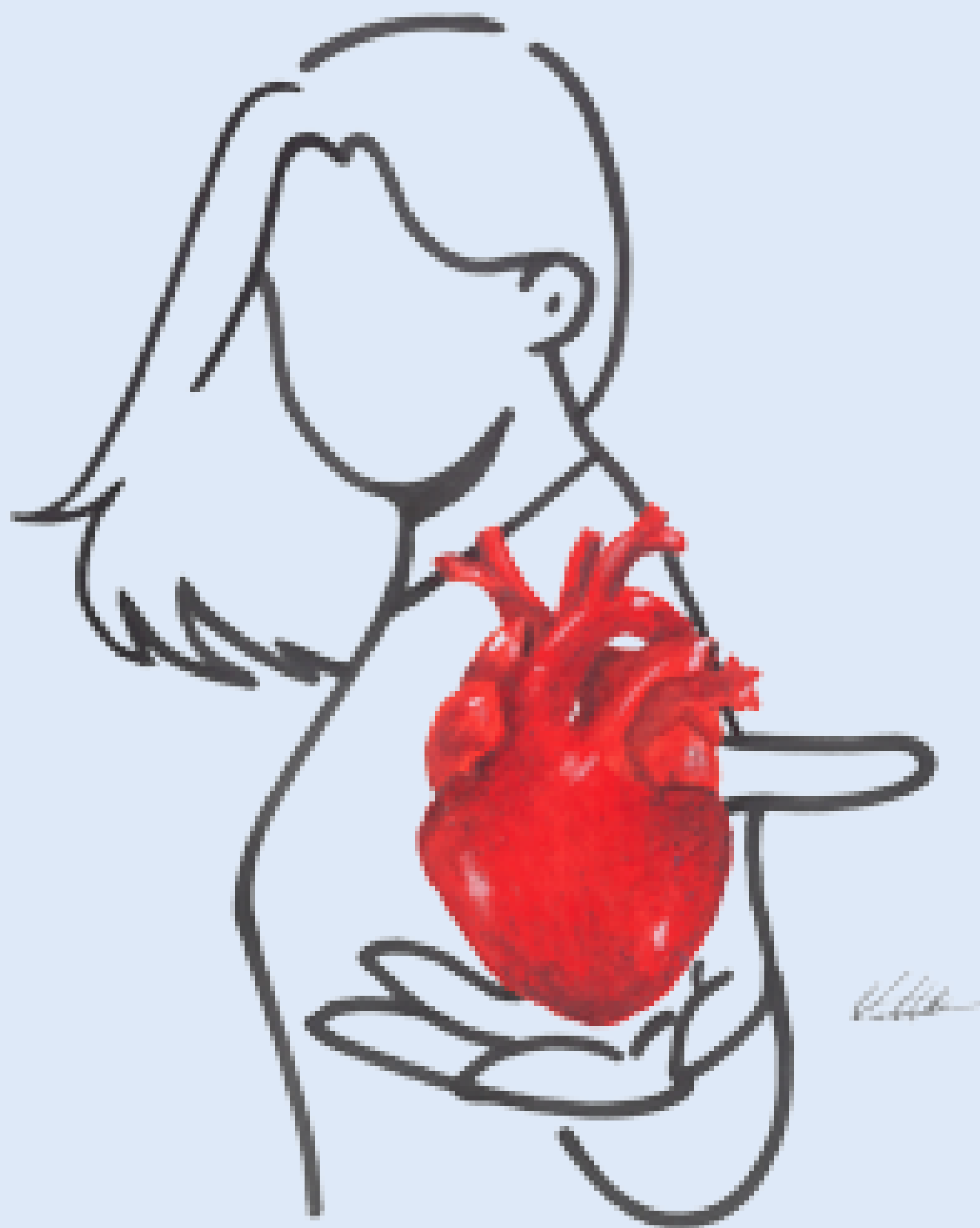


Organizadores:
Atílio Catosso Salles
Eveline Raquel de Oliveira Moura
Vitória Cristina Ribeiro de Souza
Wesley Gabriel Marcondes

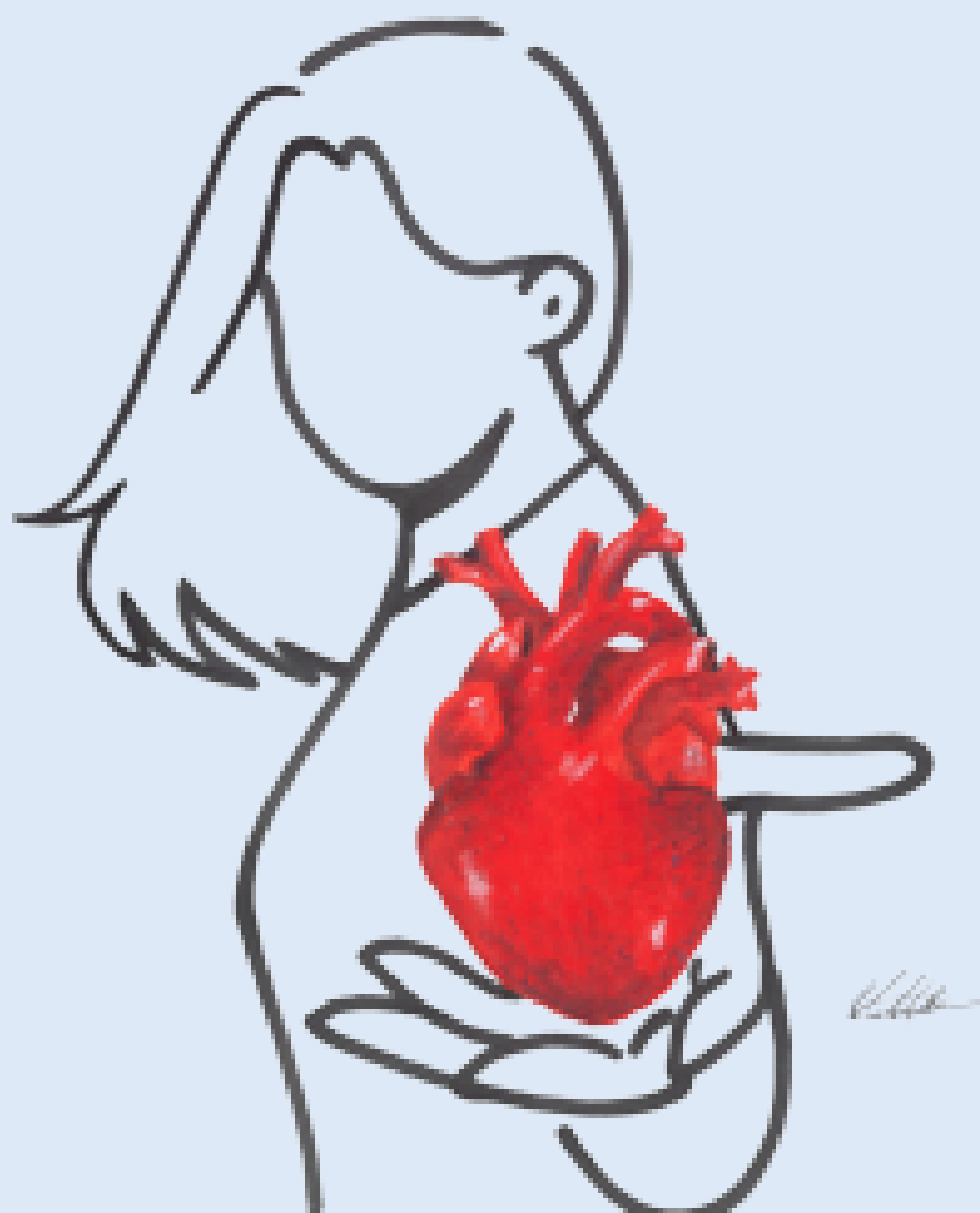


EXPRESSÃO DO EU

Coletânea Universitária

Organizadores:
Atílio Catosso Salles
Eveline Raquel de Oliveira Moura
Vitória Cristina Ribeiro de Souza
Wesley Gabriel Marcondes

EXPRESSÃO DO EU





Editoração: Michelle Ferreira Corrêa

Ilustração: Vitória Cristina Ribeiro de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

Salles, Atilio Catosso (Org.)

Expressão do eu / Organização de Atilio Catosso Salles, Eveline Raquel de Oliveira Moura, Vitória Cristina Ribeiro de Souza e Wesley Gabriel Marcondes – Pouso Alegre: Univás, 2025.

121f.:il.

Vários autores

E-book

ISBN: 978-65-85924-21-4

1. Psicologia. 2. Vida. 3. Poesia. I Eveline Raquel de Oliveira Moura (Org.). II. Vitória Cristina Ribeiro de Souza (Org.). III. Wesley Gabriel Marcondes (Org.). IV. Título.

CDD – B869.1

Bibliotecária responsável: Michelle Ferreira Corrêa: CRB/6-3538

Copyright © 2025

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução total ou parcial desta obra, desde que citada a fonte, que não seja para qualquer fim comercial e que haja autorização prévia, por escrito, do autor



Universidade do Vale do Sapucaí – Univás

Prof. Dr. José Dias da Silva Neto
Reitor

Prof. Dr. Taylor Brandão Schnaider
Vice-Reitor da Universidade do Vale do Sapucaí

Prof. Me. Guilherme Luiz Ferrigno Pincelli
Pró-Reitor de Graduação

Profa. Dra. Joelma Pereira de Faria Nogueira
Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa

Profa. Ma. Silvia Mara Tasso
Pró-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários

Diego Henrique Pereira
Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
Eugênio Pacelli

Profa. Ma. Silvia Mara Tasso
Diretora da Faculdade de C. da Saúde Dr. José
Antônio Garcia Coutinho

Fundação de Ensino Superior do Vale do Sapucaí
Conselho Diretor

Elísio Meirelles de Miranda
Presidente - FUVS



COMISSÃO ORGANIZADORA

Atílio Catosso Salles
Eveline Raquel de Oliveira Moura
Vitória Cristina Ribeiro de Souza
Wesley Gabriel Marcondes

ESCRITORES

Antônio Ângelo Favaro Coppe; Daniela Cláudia Cardoso Ribeiro; Eveline Raquel de Oliveira Moura; Giovanna Silveira dos Santos; Jair Pinto de Assis Júnior; Jéssika Elisa Coutinho; Letícia de Fátima Pereira; Micaele Pereira Santos; Ramon Rodrigues da Silva Borba; Renata Aparecida de Paula Pereira Aguiar; Renata Junqueira Simões; Vitória Cristina Ribeiro de Souza; Victória Ribeiro de Andrade; Wanessa Helenn Luiz Paiva Massini; Wesley Gabriel Marcondes.

REALIZAÇÃO

Reitoria

Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa
Pró-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários
Diretora da Faculdade de C. da Saúde Dr. José
Antônio Garcia Coutinho
Coordenação do Curso de Psicologia

APOIO

Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Fundação de Ensino Superior do Vale do Sapucaí-
FUVS
Editora Univás



Dedicamos este livro à aluna do curso de Psicologia
Maria Geovanna Pereira que partiu,
repentinamente, da vida em seu primeiro ano de
faculdade, 1º/2024. Ao ver o sofrimento de seus
colegas e a sublimação da dor transformada em
poemas, percebemos que muitos da nossa
comunidade acadêmica utilizam do recurso da escrita
para expressar sentimentos, pensamentos e
emoções. Escritos esses, que na maioria das vezes
são deixados nas gavetas de seus escritores; e para
compartilhar essas obras de arte literárias e
terapêuticas, montamos esse projeto de extensão.
Desta forma, a dedicatória vai, também, para você
que contribuiu para esta coletânea, mostrando
através da escrita, sua sensibilidade para o mundo e
ao que é o principal: **o humano.**



SUMÁRIO

TRÊS LETRAS	11
LEMBRANÇAS DE POUSO ALEGRE	13
PRETÉRITO, PRESENTE E UM FUTURO PERFEITO!	15
QUASE UM REPENTE	20
CAMISETA VERDE	23
A BICICLETA E A MÁQUINA DO TEMPO	25
CONSIDERAÇÕES QUE DESCONHEÇO	29
CONTRÁRIO	31
EROSÃO	32
ESTIMA	33
MOMENTOS	35
PALAVRAS TORTAS EM UMA NOITE CHATA	36
SOBRE EU MESMO	37
CONVERSA COM DEUS	39
RIDERE	41
NOSSO AMOR	42
AMPLEXO	44
CONTO	45
POETISA	48
SEUS QUARTETOS	49
RISORIOUS	50
AMOR INEXPLICÁVEL	52
SINTO FALTA	54
RITMOS DO CORAÇÃO EDUCADOR: ENTRE PERSISTIR E DESISTI	56
SÓ	59
VELHICE	62
EITA PREGUIÇA!	63
ARMA DO POETA	66
SENO, COSSENO, TANGÍVEL	68
DIÁLOGO	72
JASMIM E SEU FIM	75
A DANÇA DOS OLHARES	77
AMOR A MORTE	78
É NECESSÁRIO ENFRENTAR O INFERNO PARA APRECIAR O CÉU	79
CARL ROGERS E SUAS ANDANÇAS PELA GERAIS	81
EXPRESSÃO DO EU	86
AH, O AMOR QUE ME MOVE, QUE NOS MOVE E TRANSFORMA	90



PREFÁCIO

um percurso de palavras/versos/sons: a expressão do
eu

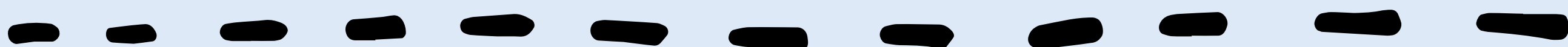
rir,
às vezes,
é um modo
ativo de
chorar
(helen kolody)

parafraseando helen kolody, diria: escrever, às
vezes, é um modo ativo de (se) dizer, significar. essa
compreensão perpassa os textos do projeto de
extensão a expressão do eu: coletânea das obras
recebidas.

lembranças tecidas, saudades textualizadas em
versos, com rimas. memória.

personagens e espaços, do pretérito ao presente e
da terceira à primeira pessoa.
máquina do tempo.

ódio e amores.
lágrimas e felicidades.
afetos e silêncios.
significantes. poesia. arte.



a arte, do movimento do sujeito no espaço, simboliza;
abre espaço para os modos de expressão do eu.

sentido e sujeito são contemporâneos. o sujeito no
enlace com os sentidos, (se) significa. a escrita
poética, portanto, consiste em:

escutar,
formular
e reescrever;
ou traduzir.

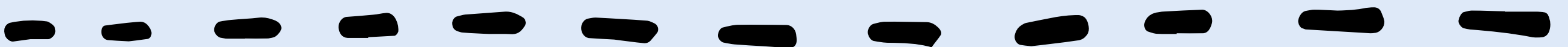
guimarães rosa sobre esses aspectos afirmou:

eu, quando escrevo um livro, vou fazendo como se o
estivesse traduzindo, de algum alto original, existente
alhures, no mundo astral ou no plano das ideias, dos
arquétipos, por exemplo. Nunca sei se estou acertando ou
falhando, nessa tradução (guimarães rosa & bizarri, 2003,
p.99).

para o poeta escrever se dá enquanto a própria tentativa
de tradução de um indizível. trata-se de reconhecer que é
através da dimensão da escrita que o indizível passa a
circular, ganha contorno.

em a expressão do eu há um gesto estético que forja um
modo outro de olhar e perceber as singularidades que podem
vir a habitar o cotidiano.

os textos que compõem esse livro perturbam os sentidos
adormecidos, remetendo ao despertar.



são textos que movimentam os sentidos, abalam a
religião dos sentidos.

eis o papel da poesia;

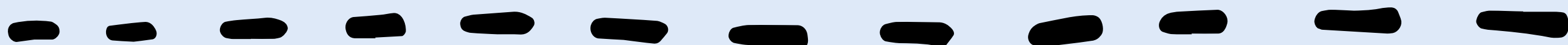
uma

travessia.

esse é convite deixado pelos/as autores/as.

Atilio Catosso Salles

Dr. em Ciências da Linguagem - Univás



TRÊS LETRAS

Daniela Cláudia Cardoso Ribeiro

Muitas palavras
Com três letras podem ser escritas
Como sol, lua e mar,
Mas nenhuma delas é tão bonita
Quanto a que eu quero formar.

Minha alma viaja longe,
E se enche de alegria e de muitos pensamentos,
Ao pronunciar tais três letras
Com tanto sentimento.

Três letras que representam seus olhos cansados
Suas mãos calejadas,
E seus lindos cabelos grisalhos.

Elas deixam saudades de suas infinitas histórias
Que adoro escutar,
Seu passado que compreender acho difícil
Mas nunca deixo de admirar.

Sua face sempre contente
Mesmo quando o sofrimento se faz presente

Teu amor quero sempre sentir
Tua falta quero nunca presenciar

De tuas experiências desejo sempre aprender
De tuas vitórias me orgulhar.

Em três letras um significado
Que dentro de mim está guardado
E do meu interior ele não sai
São três letras
Que se unem formando a palavra pai.

LEMBRANÇA DE POUSO ALEGRE – SUL DE MINAS

Eveline Raquel de Oliveira Moura

Uma cidade cheia de **alegria!**

Localizada às margens da Fernão Dias - a **Rodovia**,

Que traz gente para passear, para trabalhar ou, apenas, para visitar uma tia...

Vem para passar um dia e aqui resolve morar.

Parece **magia!**

E assim vai-se construindo e diversificando a sua **demografia:**

Chega gente de: Brasília, de todo Brasil, da China e até da **Oceania**.

Todos recebidos com muita **simpatia**.

Pouso Alegrense: um povo que **contagia!**

E como **cortesia...**

Tem pastel de milho, tem morango em perfeita **sintonia**,

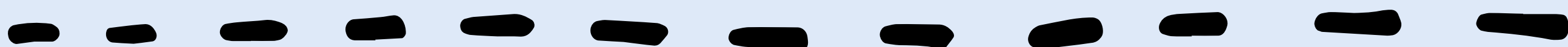
Compondo o cardápio, da sua típica **gastronomia**.

Uma delícia para se viver.

Um lugar com **sinergia!**

Orgulho de dizer:

PA - Terra de **Primazia!**





J. H. 1855

PRETÉRITO, PRESENTE E UM FUTURO PERFEITO!

Eveline Raquel de Oliveira Moura

Eveline nasceu,
O nome, seu pai escolheu,
O orgulho de ser mulher, sua mãe lhe deu.
Francisco Martins, um psicanalista e seu professor,
escreveu
Da influência do nome próprio assim, sou eu:

Eveline diminutivo de Eva
Do mito, da primeira mulher.
Valores e crenças que, da bíblia,
Passando pela família, ela recebeu.
Originou da palavra maçã, avelã,
Mistura da língua italiana, inglesa e alemã,
Estigma de doçura que, desde cedo aprendeu.
Ela cresceu, no meio de dois irmãos,
No mundo dos homens,
Eveline, sobreviveu!

Do pretérito ao presente...

Como toda mulher,
Super-heroína ela é!

Ativa, às vezes reativa,
Imaginativa, mas também cognitiva.
Subjetiva, em outros momentos objetiva.
Conclusiva, voltando ao passado, repetitiva.
Emotiva, expressiva e comunicativa.
Na TPM, negativa
Em outros dias, positiva.
Preventiva, impulsiva.
E no meio de todos esses adjetivos,
Na roda da vida,
Ela segue, sempre na tentativa!
Com erros e acertos,
Buscando alternativas criativas.

Uma mulher viva!
Como dizia sua aluna:
A professora é uma diva!
Como companheira; amante e colaborativa!
Com o filho; mãezona e assertiva!
Aos amigos e parentes, qualitativa,
Mas sempre, com todos,
Simpática e receptiva!
Continuando essa narrativa...

Do presente ao futuro

Eveline espera:

Ser uma mulher com mais respeito!

Poder expressar os seus defeitos.

Ser mulher com todos os seus direitos!

Mostrar os seus feitos, peitos e conceitos.

Ser mulher, com todos os seus desejos!

Amar ao próximo, amar a si mesmo,

Cultivar flor: o amor-perfeito!

Assim deverá ser:

O dito e feito!

E da terceira à primeira pessoa...

Brincando com a conjugação,

Seguindo para a conclusão,

Eveline faz a seguinte declaração

O passado, eu aceito, é o jeito!

No presente eu me ajeito!

E do futuro só quero me confirmar como: uma
sujeita! que não se assujeita.

Sendo mulher, preconceito eu não aceito!

Nem no ato, nem na linguagem

Desde sempre, eu rejeito!

Com essa mensagem,
Espero causar algum efeito,
Melhorar o nosso autoconceito,

E dizer:

Feliz dia internacional das mulheres!

Nós merecemos muito respeito!
Somos seres humanos, como todos: imperfeitos.
Para “seu ninguém”,
Em tempo verbal algum,
Tirar o nosso mérito e “botar defeito”.
E se isso acontecer, vamos para a luta.
Convocar um novo e justo pleito!



QUASE UM REPENTE

Eveline Raquel de Oliveira Moura

De repente...

A vida nos convida a sermos resilientes.

Em 2020, nos prende, literalmente,

No medo de morrer ou ficarmos doentes.

Tudo começou com um incidente

Vindo do extremo oriente.

Foi chegando, lentamente,

Contaminando de maneiras diferentes,

Matando até pessoas sem doenças preexistentes.

A humanidade sente!

Nos tornamos conscientes, da situação decorrente.

Passamos a viver, isoladamente, intensamente,
ansiosamente.

Simplesmente por estarmos vivos: contentes!

Ainda assim, nos sentindo impotentes!

Notícias recorrentes,

Ideias divergentes,

O certo e o errado politicamente,

No jogo de “quem cala consente”,

Ajudas emergentes,

Teletrabalho, perda de renda,

Aumento da população carente,

Exigência de criatividade para os sobreviventes!

Enquanto isso, na educação...
Salas vazias, infelizmente!
Saudade dos ausentes/presentes.

Docentes, discentes e toda a nossa gente
Mantendo o distanciamento e sendo prudentes.
A comunicação passa a ser através das lentes:
Videoconferência, live, whatsapp, tutorial,
Tudo que é virtual, simultaneamente.
Assim vamos em frente, nos adaptando
gradativamente.
Transformando, definitivamente, as nossas mentes
E as formas que o ser humano aprende!

Tudo isso tão difícil, quanto dizer:
Inconstitucionalíssimamente.
Sim, estamos reticentes e cientes
Que não poderá ser diferente.
Precisaremos ser agentes.
Cuidar de nós mesmos, amigos e parentes.
Agir empiricamente e não hipoteticamente
Não sermos negligentes,
Nem mesmos imprudentes.

Confiar a deus ser:

Onipresente, onisciente e onipotente.

E a nós, restará sermos valentes!

Porque não, polivalentes?

Beneficentes, crentes, coerentes, irreverentes,

Excepcionalmente cognoscentes, complacentes,

Cedentes, convergentes, benevolentes, clementes,

Combatentes, competentes, por que....

De repente, tudo mudou:

Mudando, também, a vida da gente!

CAMISETA VERDE

Jair Pinto de Assis Júnior

Não que ele tenha algo contra o Palmeiras. Ele não tem, definitivamente.

Embora seja corintiano. Ele só queria mesmo era comprar uma camiseta verde para usar com calça jeans e tênis.

- Bom dia?!

- Bom dia!

- Posso ajudar?

- Sim, claro. Quero uma camiseta verde, bá-si-ca.

O moço revirou a loja. Mostrou tudo. Menos a camiseta verde.

Ele quando saiu, ficou com pena do moço que teria que dobrar todas as camisetas da loja, mas no fundo, nem ligou. Era o trabalho dele. Dobrar camisetas de várias cores.

Menos verde, é claro. Parecia até que ele não gostara de verde, desde pequenininho.

Na próxima loja – que já era a de número oito – quase a mesma história:

- Bom dia?! - disse o consultor de vendas.

- Bom dia! Respondeu.

- Posso ajudar?

Ele, já desiludido disse:

- Acho que não... Desmaiou subitamente. Teve um branco e não um verde.

Quando recobrou os sentidos viu uma luz. Uma luz branca de arder os olhos. Estava no hospital. Estava tudo branco, afinal de contas estava no pronto socorro. Alguém diz. Alguém pergunta algo como:

- Posso ajudar?

Ele não sabia mais se estava no hospital ou se tinha voltado à loja. Desistiu da camiseta verde de vez. Enlouqueceu de vez. Foi internado mais uma vez.

A BICICLETA E A MÁQUINA DO TEMPO

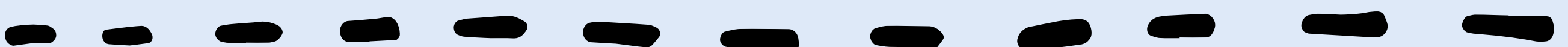
Jair Pinto de Assis Júnior

Já subi no telhado à noite pra pegar estrelas
Já coleí na prova
Já escrevi na carteira da escola
Já bebi demais numa terça-feira
Já me senti sozinho dentro de uma festa
Já cortei a testa quando criança
Já fui criança um dia
Já chorei de tanta alegria
Já corri pra pegar o ônibus
Já perdi o ônibus
Já perdi a conta
Já amei um dia
Já me apaixonei um dia
Já trabalhei de noite
Já me diverti de noite
Já cheguei no outro dia
Já no dia esqueci que era o dia
Já fiquei de mal humor
Já gastei mais do que devia
Já falei mais do que deveria
Já sonhei o quanto eu podia
Já estressei no trabalho
Já escrevi cartinha de amor
Já tive Orkut
Já pensei que seria pra sempre
Já perdi a hora
Já tomei banho de chuva

Já fiquei esperando o telefone tocar
Já fiquei olhando pra ver se ela ia me olhar
Já paguei pra ver
Já fiquei na mesa do bar jogando conversa fora até tarde
Já perdi o sono
Já acordei na hora do almoço
Já fui em festa chata
Já conheci muita gente chata
Já convivi com gente bacana
Já tive amigos que vão ser para sempre
Já tive amores de um dia só
Já tive professores que foram amigos
Já tive amigos que são meus professores
Já vi muita gente nascer
Já vi algumas morrer
Já fiquei só na expectativa
Já tentei mais de uma tentativa
Já assisti filme de terror
Já tive medo do escuro
Já cai da bicicleta
Já fui nadar escondido quando moleque
Já toquei na igreja
Já toquei a campainha e saí correndo
Já fui escoteiro
Já pensei em ser hippie
Já tive cabelo comprido
Já usei um lindo terno preto
Já fiquei sem dinheiro
Já tive medo da loira do banheiro
Já comi pizza no café da manhã

Já comi pastel na feira
Já tive um dia daqueles
Já tive uma noite daquelas
Já fiquei meio perdido
Já mudei meus conceitos
Já me senti meio velho
Já pintei um quadro
Já fique feio naquela foto 3x4
Já fiz careta no espelho do banheiro
Já cantei debaixo do chuveiro
Já dormi ouvindo o barulho da chuva
Já vi um show do Zeca Baleiro
Já acordei com o cachorro do vizinho latindo
Já comecei a escrever um livro
Já to pensando em plantar uma árvore
Já to com vontade de abrir um negócio
Já sonhei um dia em poder ter um filho
Já pensando nele me chamando de pai
Já fiz tanta coisa
E já deixei de fazer algumas coisas
Já senti saudade
Já vi gente fazendo maldade
Já sonhei com a paz
Já fiquei pensando na vida vendo o pôr do sol
Já sai pra tomar sorvete
Já andei de skate quando garoto

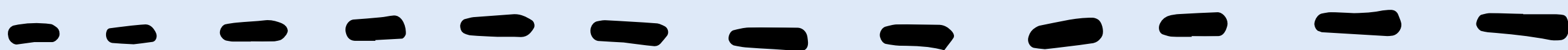
Já corá fiz juras de amor
Já fui jurado de morte
Já tive que contar com a sorte
Já fiquei entre quatro paredes
Já corri por um lindo campo verde
Já troquei os pneus do carro
E já to pensando em até trocar de carro
Já fiquei olhando no olho
Já fiquei de molho trancado no quarto
Já fiquei mancando quando virei o pé
Já disse obrigado
Já disse até mais
Nunca disse adeus.
Já vi que era tarde
Já percebi que ainda não era hora
Já consegui entender que cada pessoa é uma história
Mas de tanta coisa que eu já fiz eu quero mesmo é
subir à noite no telhado para poder pegar estrelas.



CONSIDERAÇÕES QUE DESCONHEÇO

Jair Pinto de Assis Júnior

Quantas pontas têm um origami?
Talvez a pergunta seja, quantos lados tem o papel?
Quantos lados têm uma moeda?
Quem sabe a pergunta esteja em quanto ela realmente vale?
E quanto vale um sorriso?
Certamente o quanto ele representa para alma de quem o recebe
Quanto vale o que tanto custa?
O mesmo que vale o que custa pouco para quem muito o quer
Como se mede o querer?
Com a medida do que se quer realmente
Mas, sabemos que realmente não dá pra medir uma medida de querer
Querer não é apenas tão só um querer
Quantas milhas têm uma longa caminhada?
Tantas quanto forem suas conquistas
Quantas vidas existem numa vida?
Realmente quantas forem as que forem vividas
Quantos copos haveriam numa mesa?
A mesma quantidade que as risadas de fim de festa
E quantas festas há numa juventude?
Certamente a mesma quantia que forem suas lembranças embriagadas



E pelas madrugadas quantos amores já foram
escondidos

Tantos aqueles que já foram andar pelas tardes de
sol

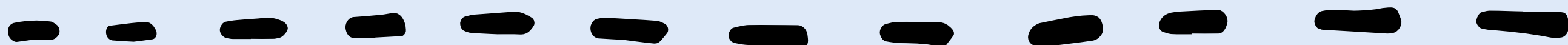
E quantos sóis já se esconderam por de trás de tantas
nuvens

Eles não se chamavam sois, mas sim estrelas que
aparecem durante o dia

E quantos dias formam uma vida?

Talvez a pergunta seja, quantos momentos nessa vida
foram vividos realmente?

Mas sobre as pontas de um origami mais vale as
mãos de quem o fez.



CONTRÁRIO

Jair Pinto de Assis Júnior

Calar a alma

Calar a luz

Calar os olhos

Intercalar

Alegria e tristeza

Ódio e amor

Plenitude

Branco e preto

Mau e bom

Vida e morte

Vida, vivida às pressas por toda à parte.

Vício?

O tempo num espaço pequeno de tempo

O tempo do relógio

O tempo que já passou

A infância?

Os bons tempos aqueles

O tempo que vai vir

A velhice?

Os caminhos e escolhas

E o destino?

Sorrisos e choros

Lágrimas e felicidade

Lembranças e boas lembranças

Sóbrio e às vezes ópio

Pelo menos parcialmente

Eu

EROSÃO

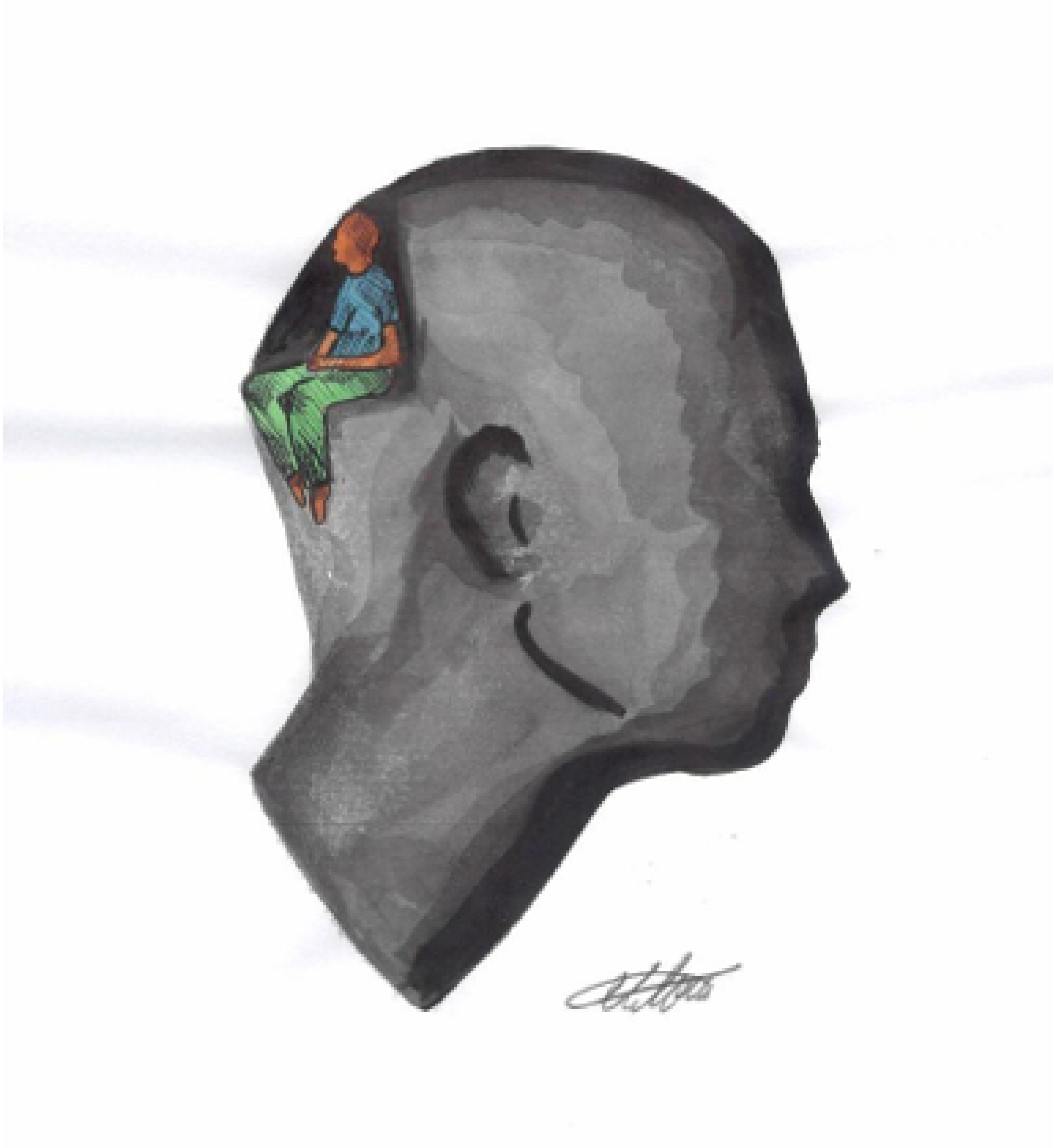
Jair Pinto de Assis Júnior

Eu quero a simples recordação dos dias
E quero esquecer as datas
Quero tudo um pouco mais em menos quantidade
Quero a mesma força com outro rosto oposto ao
meu
Só quero um dia não sentir mais que quero
E querendo ou não o tempo sabe quando esquecer
Esquecer o próprio tempo por tempos distantes
Distantes de tudo o que ficou em outrora
Mas sem demora a vida segue por si só
E só segue quando quer seguir
E tudo que foge sua vontade vira mera vaidade vil
E se ninguém viu o que houve haverá sempre o que
houver
Papel, recado, bilhete e beijo, abraço, alegria
Um sonho jogado ao tapete em que eu nunca mais
vou pisar
Pois agora só quero a simples recordação dos dias

ESTIMA

Jair Pinto de Assis Júnior

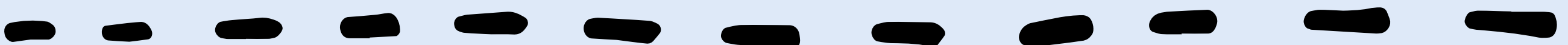
De encontro a certas vontades
Encontro no meu eu um eu só
E só há ausência por companhia
Celeuma do silêncio
Ora quando penso
Preso quando escapo
Dias ainda que noites
Vozes ainda que ninguém
Penso meio preso mas escapo
Escapo quando penso que não sou preso
Mas o peso ainda é o preço
Que se paga ainda quando penso
Em branco e preto ainda que seja cinza
Entre portas e janelas ainda que fechadas
E o vinil azul do céu
Já não arranha mais o disco
Que conta àquela canção
E é mais triste o coração
Que ainda não sabe tresler
Ou apenas tentar entender
O que um louco quer dizer



MOMENTOS

Jair Pinto de Assis Júnior

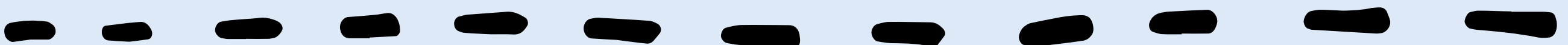
De outrora
Tempos passados
Sem memória
De sorriso
Uma forma voraz
De querer
Teu. Meu. Amor.
Litorâneo no meu interior
Quase que fugaz
Como que uma febrícula
Que se faz suarento
Escorre por de dentro
Inspira minha eloquência
Impertinente louco
Corrente
Intragável
Ora certeza
Ora alma
Ora périplo
Voar
Mesmo sem céu
Mesmo sem asas
Pensamentos



PALAVRAS TORTAS EM UMA NOITE CHATA

Jair Pinto de Assis Júnior

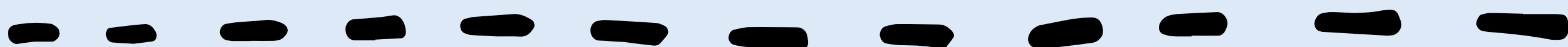
Mesmo que eu fique a esmo
Serei mesmo um eu só
E só por você e mais ninguém
Que em noite chuvosa e chata de outubro
Me cubro pensando o mundo lá fora
Eu preciso respirar, parar um pouco para pensar
É difícil enxergar o que meu olho não pode ver
Palavras tortas me forçam sentidos outros
Mas os outros sentidos sempre batem à porta
Fechada pra hora do almoço
Mas sempre há a hora de voltar
Pelo meio do que há
Sempre há o que haver
De bom ou pelo menos de sonhar



SOBRE EU MESMO

Jair Pinto de Assis Júnior

Às vezes sou forte
E às vezes sou fraco
Dias sou engraçado
Em tantos outros nem me suporto
Por qualquer coisa dou risada
E por outras até choro
Em momentos nem tenho tempo
E em alguns outros corro sem pressa
Tem dias que faço questão
E às vezes por um minuto perco a cabeça
Às vezes eu amo
E às vezes eu piro
E às vezes só o tempo...
Há horas em que só aprendo
Em tantas outras tento esquecer
Às vezes eu vou
E às vezes só quero voltar
Têm dias que carrego o mundo nas costas
E em outros uma vontade me leva
Às vezes sou madeira
Às vezes quase de aço (mas nunca de plástico)
Às vezes Galileu
E às vezes uma pessoa comum
Em dias observo detalhes
Em outros não vejo nem o óbvio
Às vezes sou tolo



E às vezes (muitas vezes) sou ingênuo
Sempre sou sincero
Mas nem sempre me dou bem
Às vezes sou água da chuva
E às vezes criança que corre por ela
Às vezes sou vão
E às vezes sou vapor

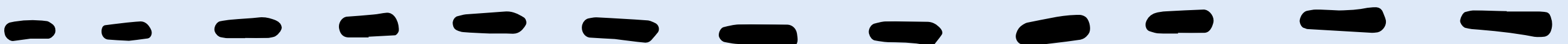
CONVERSA COM DEUS

Victória Ribeiro de Andrade

Em um mundo de tantas informações
Nos perdemos nas emoções
Liberdade do outro
Responsabilidade tão pouco

Viver em busca dessa “tal” de liberdade
Mas que na verdade
Nos dias atuais não se sabe o que querem mais
Livre dos momentos, das responsabilidades, do afeto
e do amor
E tudo isso para evitar a dor

A liberdade condena
E uma alma perdida
Não se sabe mais se é o sentido da vida ou do
problema
Talvez seja só uma despedida
De uma alma que precisava ser traduzida





RIDERE

Vitória Cristina Ribeiro de Souza

Anos se vão,
Pessoas se esvaem,
Sentimentos se perdem,
Desejos assolam.

Por tempos andei inquieta,
Neutra e calada.
Era uma alma presa,
Uma linda ave enjaulada.

Nunca pensei que a liberdade
Viria de uma consequência.
Consequência tão espontânea
Que me causou veemência.

Ah como fora lindo,
Complexo e apaixonado.
A veracidade de um sorriso,
Transbordou-me de significados.

Fui preenchida por amor,
Carinho e felicidade.
Tal junção de emoções
Proveram-me a levidade.

Quem diria que um riso,
A forma mais pura do afeto,
Albergaria minha alma
E envolveria-me por completo.

NOSSO AMOR

Vitória Cristina Ribeiro de Souza

Lindo fora o nosso amor
Jurado ao luar
Justificado pelo ardor
Sem previsões de acabar

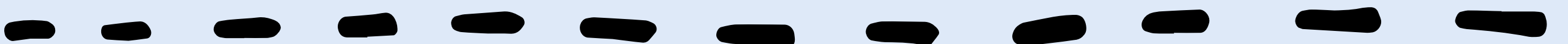
Ah como fora lindo
A combinação de nosso pulsar
Relembrando esses dias
Incitou-me a chorar

Triste amor de carcereiro
Amor que quer me aprisionar
Há um universo a fora
Universo que eu quero desbravar

Oh caro amor
Ainda quero te amar
Mas como hei de fazer isso?
Tu só sabes me agoniar

Infeliz carcereiro
Carcereiro que deseja me amar
Compreendo sua dor
Mas não deverias me maltratar

Isso é triste
Isso é deprimente
Mas não deveria me angustiar



Se meu coração clama por seu amor
Por que tu não podes me amar?

Nosso amor vazio
O qual fazia-me pulsar
Hoje deixa-me triste
Perdida no seu falar

Tantas promessas
Tantas falácias
Tantas palavras a se acreditar
Sua simpatia iludiu-me
Logo eu
Aquele que ansiava te encontrar

Acredito que um dia
Tu possas me demonstrar
Os sentimentos que em ti residem
Aqueles que fizeram-me apaixonar

Oh juvenil amor
Deixar-te assim
Apenas traz-me dor
Mas não posso viver nesse mundo
Nesse mundo incolor

Meu querido carcereiro
Aquele que ousei amar
Por hora me despeço
Mas espero por um futuro
Um futuro em que possas me amar.

AMPLEXO

Vitória Cristina Ribeiro de Souza

O desaforo d'alma
Advindo do afeto
Projetado em um abraço
Torna-se o meu teto

Inexplicável o sentimento
Que me trouxe libertação
Apaziguou minha mente
Curou-me a aflição

O enlace de dois corpos
Pacifica o coração
Acolhe antigas dores
Desencarcera a emoção

Seguro fora o abraço
Que me deu proteção
Aliviou meus pesos
E instaurou-me a mansidão.

CONTO

Vitória Cristina Ribeiro de Souza

Preso em uma torre,
A sete palmos em um caixão,
Adentro de um castelo de gelo
Ouça o pulsar de meu coração.

Assim como fora o sapatinho,
Deixado em meio ao chão,
Entreguei-lhe o cristal de meu amor
Que quebrou em suas mãos.

Lata vazia eu virei,
Envolvido de dor e desilusão,
Por tijolos amarelos viajei
Em busca de um novo coração.

Minha frieza era grande,
Quanto as joias de Sultão,
Almejei pela lâmpada mágica
Para restaurar minha paixão.

Ainda andando pela estrada,
Sem vida e coração,
Avistei uma resplandecente luz
Que chamara minha atenção.

Reluzentes como ouro,
Brilhando junto ao sol,
Uma fada de cabelos loiros
Tornou-se o meu farol.

Como um girassol,
Guiado pela luz,
Seu brilho me cativa,
Sua beleza me seduz.

O brilho da linda fada
Restaurou meu coração
E antes que percebesse
Eu transbordava de paixão.

Longa foi minha estrada,
Que começara sem emoção,
Mas ao caminhar destes tijolos
Encontrei um novo amor e meu coração.

A lata vazia que antes eu era
partiu como inverno
E como em conto de fadas
Eu pude viver um amor eterno.



POETISA

Vitória Cristina Ribeiro de Souza

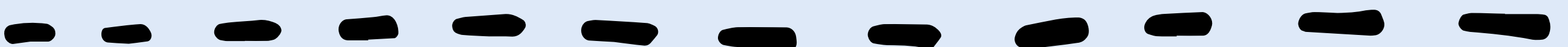
Advindos da Aurora
Versos pairam pelo ar
Escritos em outrora
Com o dom de enamorar

Redigidos pelo amor
Sobre linhas ao Luar
Seus rascunhos trazem-me dor
Incitando-me a lamuriar

Como ventos de outono
Palavras surgem em um piscar
Em suas estrofes me apaixono
Fazendo-me devanear

Sentimentos postos em sua mesa
Feito velas sobre o altar
Traços e letras ali dançam
Ansiando te encontrar

Com gentileza no olhar
Talentos a desabrochar
Seus textos fazem-me alucinar
Pois perto de ti imagino-me estar



SEUS QUARTETOS

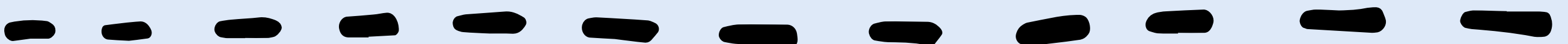
Vitória Cristina Ribeiro de Souza

Sob noites chuvosas
Sorrisos amargurados
Tenho noites trevosas
Sem você ao meu lado

Pingos libidinosos
Tocam meu coração
Enquanto meus lábios silenciosos
Recitam nossa canção

Raios apaixonados
Trovões versificados
Estrelas dançantes
Silêncios viciantes

Céus a cair
Lágrimas a suscitar
Tristeza a fluir
Pois contigo não posso estar.



RISORIOUS

Vitória Cristina Ribeiro de Souza

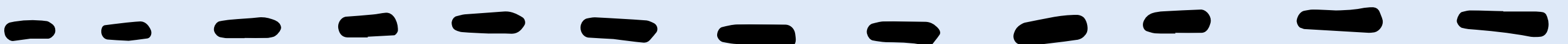
Noites de luas novas
Ancoradas pela contrariedade,
Oscilam meus sentimentos,
Quizilam minha liberdade.

Urtigada era minh'alma,
Esperava por afeto.
Reconfortante fora riso,
Ornamentou-me por completo.

Fronteada de emoções,
Acalentada de espontaneidade.
Ludíbrico meus pensamentos,
Sobressalto a felicidade.

Observar tal lenidade
Salva-me da aflição,
Suaviza-me as dores,
Oxigena meu coração.

Resplandecente fora o sorriso,
Recheado de aceitação,
Iluminou meu caminho,
Subscreveu a compreensão.
Obliterou minhas mágoas,
Sobraçou minha emoção.





AMOR INEXPLICÁVEL

Renata Junqueira Simões

Somos dois lobos em uma noite escura, você tem uma matilha ao seu redor e eu sou a loba solitária, uivando para a lua, buscando o seu olhar. Fujo da família, do tradicional, do perfeito e do que é amar.

Eu te encontrei em meio ao caos e queria que me amasses, mas cada dia que passa torna-se impossível. Nossos amores são distintos, porém como um imã nos interliga.

Eu vejo as lobas ao seu redor e sei que elas são concorrentes minha.

Não sou como elas, meu amor é diferente.

Não tenho matilha pra me cercar, somente restos inconsequentes.

Repito a ti, meu amor é diferente e especial.

Ah, como eu queria que você me amasse assim e me oferecesse uma chance igual.

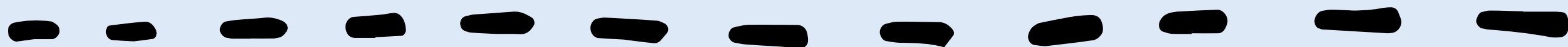
Mas não adianta, você não entenderia.

Na verdade, ninguém entenderia a minha forma de amar.

Meu amor se compara ao momento aconchegante e relaxante.

Meu amor se compara a um café bem passado, um abraço apertado.

O vento assovia e seu olhar desvia.



Queria passar momentos especiais com você, ter
lembranças até o amanhecer.

De um filme bom, um livro longo.

De uma música animada de uma fita pirata que você
colocou pra gente escutar.

De um doce bombom serenata que entrelaça nos
dois.

Quero poder te abraçar e sentir seu coração palpitar
por esta loba do amor.

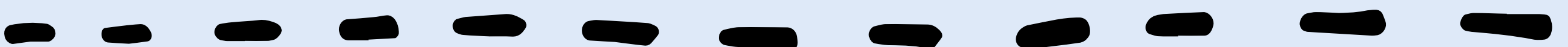
SINTO FALTA

Letícia de Fátima Pereira

Eu confesso que sinto falta, sinto falta das manhãs ensolaradas no quintal, onde a maior preocupação era escolher qual brincadeira inventar. Eu sinto falta do cheiro de bolo que vinha da cozinha, avisando que uma delícia estava prestes a sair do forno. Eu sinto falta das tardes preguiçosas, deitada na grama, olhando as nuvens e imaginando formas e histórias.

Eu sinto falta dos passeios no parque, com o vento no rosto e o balanço subindo cada vez mais alto. Eu sinto falta das risadas altas com os amigos, brincando de esconde-esconde até o sol se pôr. Eu sinto falta das noites estreladas, quando passava horas olhando para o céu na esperança de ver uma estrela cadente.

Eu sinto falta de ir visitar a casa de meu avô onde sempre havia um colo aconchegante e histórias para ouvir. Eu sinto falta das disputas acirradas e das vitórias comemoradas com gritos de alegria. Eu sinto falta dos desenhos animados nas manhãs de sábado, comendo cereal e rindo das travessuras dos personagens.

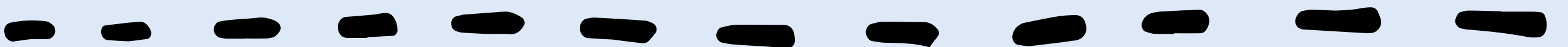


Eu sinto falta dos abraços apertados que me faziam sentir segura e amada. Eu sinto falta das festas de aniversário, com balões coloridos, amigos reunidos e o desejo de que aqueles momentos durassem para sempre. Eu sinto falta das lições simples e valiosas que aprendi sem nem perceber, através dos pequenos momentos do dia a dia.

Eu sinto falta da liberdade de ser quem eu era, sem preocupações ou responsabilidades. Eu sinto falta das descobertas diárias, do novo em cada esquina, do encantamento com o mundo ao meu redor. Eu sinto falta da magia que parecia estar em tudo, nas coisas mais simples e cotidianas.

Eu sinto falta da sensação de que tudo era possível, que o mundo estava cheio de oportunidades esperando por mim. Eu sinto falta da pureza das emoções, dos sentimentos sinceros e descomplicados. Eu sinto falta da certeza de que o amanhã traria mais um dia de felicidade e aventura.

Eu sinto falta, acima de tudo, da criança que eu fui, dos sonhos que tinha, da alegria que encontrava em cada momento. Eu sinto falta da infância, esse tempo precioso e inesquecível que marcou minha vida para sempre.



RITMOS DO CORAÇÃO EDUCADOR: ENTRE PERSISTIR E DESISTIR

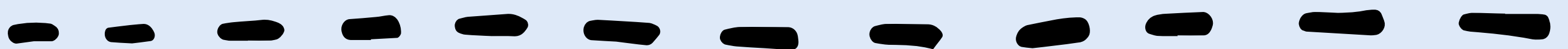
Micaele Pereira Santos
Wanessa Helenn Luiz Paiva Massini

No pulsar do coração, ecoa a voz do saber,
A “educação libertadora”, um caminho a percorrer.
Entre persistir e desistir, há uma dança de emoções,
Em que cada passo dado revela novas paixões.

No coração do educador, um sonho a pulsar,
No compasso do tempo, sua jornada a trilhar.
Entre persistir e desistir, batalha incessante,
Nas estradas da vida, sua missão é constante.

Nos dias difíceis, tempestades a enfrentar,
Com o peito aberto, ele insiste em caminhar.
Mas ninguém nos ensinou, vamos descobrindo aos poucos,
Que o pulso do educador se faz no coração dos outros.

Os ideais do educador formam a base encorajadora,
o combustível para seguir nesta jornada desafiadora.
O que mais me indigna são as inúmeras verdades ocultas,
Reveladas ao longo do caminho, mesmo que às escuras.



Assumimos muitas funções, que vão além da docência:
Psicólogo, conselheiro, aquele com a maior paciência.
Como lidar com tudo isso em salas abarrotadas?
Estruturas precárias para uma professora empolgada.

Não nos ensinaram a conter as lágrimas e ser resistentes,
Diante do sofrimento doméstico e do abuso de inocentes.
Não nos orientaram a acolher alunos para a ressocialização,
Necessitados de um amparo e de compreensão.

Esses casos nos chegam como se estivéssemos capacitados,
Para lidar com situações para as quais não fomos preparados.
A sociedade mudou, as famílias se transformaram,
O mundo já não é o mesmo, bate em compasso acelerado.

Mas será que a educação acompanha essa tendência?
Ou as mesas sempre enfileiradas sustentam nossa vivência?
Como podemos seguir por um caminho que sempre se altera,
Se sempre dizemos: isso não faz parte de minha era!

Com sua habilidade inata, se reinventa e enfrenta,
E para cumprir sua missão de ensinar, de tudo
experimenta.

O educador, herói anônimo, a lutar sem cessar,
Na dança da vida, sempre a ensinar e amar.

Não sou professor o tempo todo, mas a educação é
minha essência,

Entre tantas funções, sou professor por excelência.
E nessa missão de ensinar, o diploma não me torna
blindado

de ser humano e frágil, que também precisa de
cuidado.

Adoecimento é a palavra que tem se tornado rotina.

Quando nos contarão a verdade sobre nossa sina?

Uma jornada muitas vezes romantizada,

Mas que atualmente tem sido negligenciada.

A mão que guia, o gesto que acolhe,

No peito do educador, a vida se envolve.

Entre persistir e desistir, o eco da canção,

Ritmado pela força de um só coração.

Desistir é o medo que sussurra ao ouvido,

Mas o coração educador é forte, destemido.

Nos momentos de fraqueza, há luz a se achar,

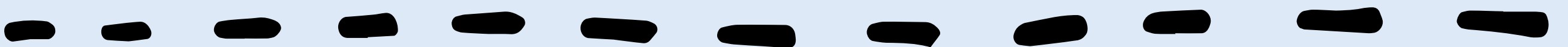
Em cada olhar atento, um motivo para continuar.

Persistir é resistir, lutar contra a maré,

Transformar obstáculos em pontes de fé.

É acreditar no poder da mudança,

Na força do ensino, que traz esperança



só

Daniela Cláudia Cardoso Ribeiro

É fácil ver que dentro do meu íntimo
Não aparece a face da face
Que eu queria que estivesse
Mas se me esforçar ao ápice
De toda minha capacidade
Posso enxergar muito além.

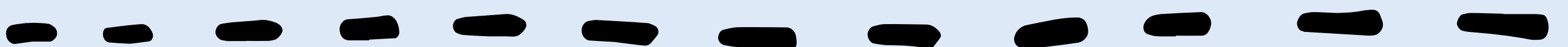
Abrir os olhos? Não.
Minha mente Alcança tudo
Mesmo aquilo que eu nunca vi Ela vê.

Eu vejo a parede a porta
Vejo todos os objetos nos seus lugares
Eu consigo ouvir até o temível silêncio
Que me destrói me consome
É um estrondo aos meus humanos ouvidos.

O que eu poderia fazer?
O enigma agora se forma
Uma palavra flutua.

Tudo ficou cinza
Tudo que outrora era magia e fantasia
Tornou-se opaco, rígido e real.

Não falo sequer uma palavra
Mas meu coração grita
Não faço nada durante os lentos dias deste outono



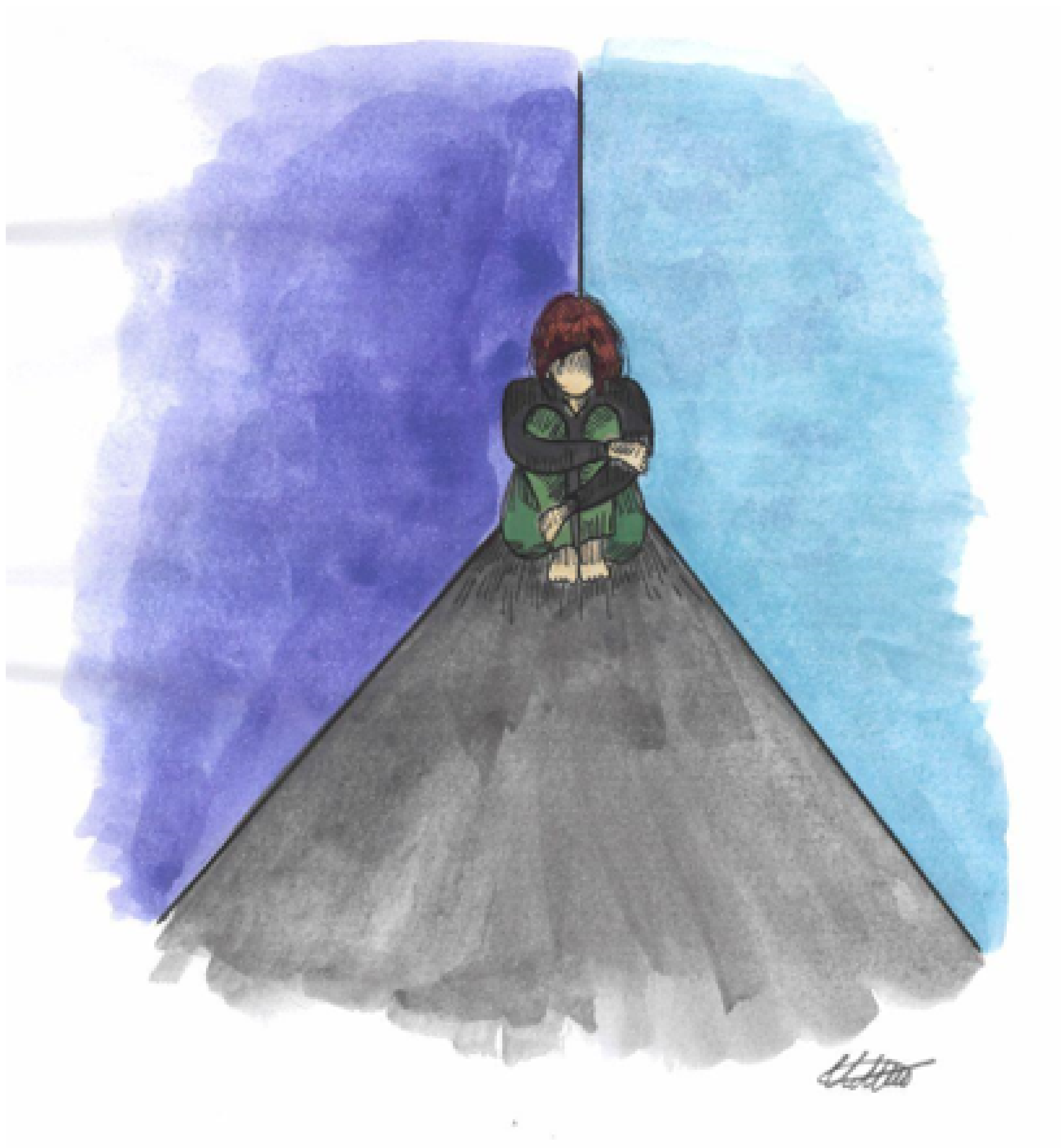
Mas meus pensamentos
Não param de me atormentar.

Não há o que dizer
Tudo está na alma e no coração
Desejo que não sinta pena de mim
Minha cruz é solidão.

Estou perto de você
Que piedosamente escuta-me
Agradeço
Não estou ironizando
Mas não tem ninguém aqui.

Eu não queria dizer
Isso dói
Mas serenamente aceito
O que não posso mudar

E de minha alma
Tenha pena
Tenho dó
E ela sofre
E com esse sofrimento
O que me resta
É reconhecer
Que estou só.



VELHICE

Daniela Cláudia Cardoso Ribeiro

Quando véinha eu ficá
Eu não irei me assustá
Quando minha pele
Se enrugá como um
veio maracujá
Eu não irei me ignorá.

Quando meus noventa chegá
Festa enorme irei de dá
E quando todos pensarem
Que eu irei desanimá
O amor me alegrará

E se por acaso alguém
De vinte e poucos aninhos
Se atreve a me goza
Dizendo: véia ocê está!

Eu irei dizê a ele
Que o tempo que vivi
Só experiência adquiri
E só tenho que me orguiá

E que a verdadeira juventude
Dentro do meu peito ela está.

ÊITA PREGUIÇA!

Daniela Cláudia Cardoso Ribeiro

Eita preguiça
Mai boa du mundo
Esse sim é o mar
Que fai bem demais

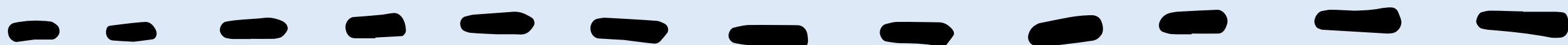
Oiá só o fio do seu Zé
Só trabaia,
Inté no mobral entrô
Pra mode estudá.

Euzinho aqui
Não preciso dessas coisas não,
Tudo o que meu véio pai tem
Posso dizê que meu também.

Pra que perde tempo
Com uns livro esquisito
Se eu moro no meio do mato
Só de vê o fio do seu Zé com os caderno
Eu já fico um pouco cansado

Ah! Essa vida
De trabaiá, trabaiá
Trabaiá até morrê...
E agora eu lhe pergunto: pra quê?

O tempo passô...
E passô ligeiro por demais,



E hoje eu pago a língua
Do que um dia lá na minha mocidade eu falei

O tempo foi traiçoeiro
Maisi agora é tarde demais
Pra se arrependê

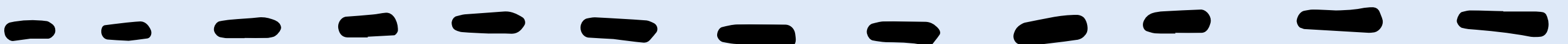
O tempo não espero,
Coragem eu criá
Pra mode meu véio pai ajudá
E levô ele de mim pra nunca mais vortá

A comida bem feitinha
Na mesa da cozinha
Só pra eu comê
Minha mãezinha tão véinha
Nunca mais irá fazê.

O mobral que eu labutei prá não estudá
E que o fio do seu Zé estudo
Fez o moço na facurdade entrá
E grande médico doutor ele se tornô

A sítio que o meu véio pai
A vida inteira cuidô
Foi vendida pra um grande fazendeiro
Que por essas bandas se mudô

Fui obrigado na cidade mora
E de empregado trabaiá
Pra mode me sustentá



Muito triste me recordo
Do tempo que perdi
Pela falta de coragem
Da vida assumi

Aquela preguiça boa
A vida ela veio me rouba
Fuja da preguiça que lhe rodeia
Que mesmo que não pareça
É o pior dos pecados capitais.

ARMA DO POETA

Daniela Cláudia Cardoso Ribeiro

Eu amei muito
Posso dizer-te que foi quase infinito
Mas, ainda amo.

Que pena!

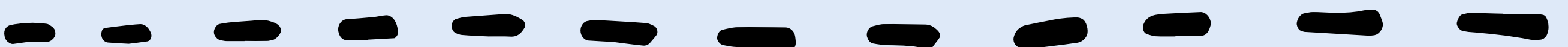
Não confies totalmente em alguém
Sua alma tão pura e bela
Não coloques seu precioso tesouro
Nas ímpias mãos de outrem
Ela pode se esquecer dela

Não partas teus coração
Para dá-lo de presente
Faça o bater em seu peito
Constantemente.

Morre a esperança ou morre a confiança?
Por que também não morre esse amor?

Nunca esquecerei dos sonhos de outrora
Das lembranças mais íntimas
Das juras de amor sem fim
E que tiveram fim

Ah! Nunca esquecerei
Dos acontecimentos
Que destruíram os sonhos
Que eu tivera um dia



Acabaram com os de hoje
E deram novos rumos aos do amanhã

O poeta morre
Mas, a poesia o ressuscita
Ela é arma, a espada
Para a luta mais dolorida

O amor não pode ser um desencanto
o amor é luz
Que ilumina a vida
É força divina
Que brota de dentro
das pessoas

O poeta ama
O poeta sofre e ama
Todo dia
Todo momento
E em seu refúgio da arte
Ele escreve,
E transforma em poesia
O próprio sentimento.

SENO, COSSENO, TANGÍVEL

Giovanna Silveira dos Santos

Suspirou. Estava apaixonado. Quem não se apaixonaria? "Talvez", pensou, "Talvez Dostoiévski também seja apaixonado por você".

Você acha que Dostoiévski gostaria de mim?

Eu sei que se te perguntasse isso agora, do jeito que sua cabeça está apoiada em meu peito e sua respiração está calma, acabaria te despertando desse cochilo preguiçoso e sua resposta seria sim, só para voltar a dormir. Me encho de suspiros. Eu sei que é sincero, até nas ilusões você fala a verdade, mas não consigo me convencer de que a promessa rouca que sai da sua boca se tornará realidade. É tão simples falar, mas não sinto. A felicidade plena parece apenas um lampejo para os pensamentos que vem a seguir.

O jeito de como o s encontra o i e morre no m me asfixia, tenho tanto medo desse som que sinto vontade de me esconder em seu abraço. Sei que estamos cansados desses pavores opostos e o jeito que você suspira, me faz pensar que não está aqui, mas eu não quero morrer, não quero me acabar nem me tornar pó. Seus sonhos são frágeis, minhas fantasias são só delírios e prometo que vou fechar meus olhos enquanto você me abraça e falar que tudo vai ficar bem. Enquanto a noite recai sobre nós, vou deixar meus receios escondidos madrugada afora. Deixar o nascer do sol preencher nossa cama até que o café fique pronto e nossos medos e pensamentos tenham sumido.

Eu quero muitas coisas, no futuro esquecido e no passado que está por vir. Quero ver o pôr desse sol, sentir o cheiro do azul, a brisa do verão, e o perfume de suas roupas no varal. Quero ser mais, não ser nada. Te ver sorrir ao chegar do trabalho e me achar tentando fazer nosso jantar, ou quem sabe comprar aquele apartamento para montar nosso estúdio e poder relaxar vendo o crepúsculo na janela, fumando ou esperando você pedir uma pizza, sabendo que o que é meu ninguém tira. Quero ter o mundo, mas vou dar ele para você.

Você em algum momento entendeu alguma coisa? Meus pensamentos são mais rápidos que uma bala, mais doloridos que o próprio tiro e que fazem um estrago maior do que um buraco no peito. É difícil acompanhar, eu sei. Estou cuspiendo coisas no vento por não saber o que fazer com elas. Está tudo tão amarrado aqui dentro que incomoda. Falta algo que não consigo achar longe de você, e faço questão de procurar quando você está por perto.

Deixa eu dormir com você pra sempre, por favor. Fica comigo por todas as noites e nas que vão existir depois disso. Não preciso de nenhum remédio, de nenhum band-aid e de nenhum conselho, seu abraço me basta e ouvir sua respiração cura qualquer dor. Me ajuda a encontrar e perder esse medo de não saber.

Talvez Dostoiévski também seja apaixonado por você!

Foi na ponta dos pés, ali, equilibrando o inquebrável, estabilizando os corpos que guardavam pequenos universos caóticos dentro de si, que os olhos, janelas iridescentes da entropia interna, cruzaram as amplitudes, os campos de visão. Foi na queda das pontas que foram primeiramente identificados pela pupila do outro, dilatando os vasos sanguíneos, liberando das glândulas a adrenalina, perdendo o foco nos mundos que os cercam, mas mantendo total atenção naquele mundo, naquele universo particular, inédito, que acabava de surgir frente aos raios de luz refletidos que corriam para as retinas.

Elo maleável e resistente que uniu como prótons e elétrons os núcleos destes mundos antes distantes, desconhecidos. As pontas dos pés que marcariam presença convidada em tantos outros encontros, outros impactos, outras dilatações de pupila e arritmias descompassadas dos músculos estriados cardíacos, ignorando a histologia limitante dos movimentos do coração.

A coincidência particular destes dois universos que chocaram-se numa grande explosão, uma arritmia cardíaca, uma hiperventilação, uma força descomunal atingindo os pulmões, pedindo por oxigênio, tentando manter o controle do caos que atinge ambos os corpos, micro-universos em colisão.

Não existem metros quadrados ou redondo que nos possuam, nem que possuamos nós. Caminhamos de mãos dadas, porém nuas estão as duas que nos sobram; Balançam vazias de qualquer matéria que não seja o ar. Vagamos sobre as áreas pertencentes a outros ou a nenhum; já não buscamos mais a nossa superfície particular. Somos e deixamos de ser tantas coisas de repente, que em alguns momentos os coques de nosso contato constante, se tornaram mais ou menos frequentes. Nunca pertencemos a nenhum espaço delimitado, vagamos como perdidos, mas nunca estivemos de fato. Estamos sempre indo, nunca vindo; Às vezes somos, seremos tantos outros. Não temos mais medo do escuro, acostumamos com nossos assombros; No meio de nossos internos escombros, plantamos deveras e lindas flores; Germinamos e decompomos as matérias vivas de nossas células.

Pertencemos a nós mesmos, residimos num espaço sutil e quase invisível: Aquele que se aloja entre nossas palmas desde que as fundimos. Reciprocamente, assim mutual, nós florescemos.

As pontas dos pés ressurgiram quando nós passamos a morar um no mundo do outro, cosmos tão intrínsecos a nós que já não via-se as cercas do outro, do unitário, apenas incalculável espaço de cometas, planetas, anéis, estrelas e luas. Galáxias salpicadas de ego, de pretérito, mas interseccionadas por sistemas solares, constelações.

DIÁLOGO

Ramon Rodrigues da Silva Borba

Saudações velho pássaro,
Em ti há tanta beleza
Em teu canto, tuas penas
Mas do que adianta
se não podes pensar

Pois, ouça pobre homem,
essa mesma beleza
Um sábio russo vos disse:
Esse mundo em que vives
ela há de salvar

Salvá-lo de quê?
Não há o que temer
Se vazio é o viver
Assim então, será

Talvez de ti mesmo
Se em tudo o que tocas
morre tenro, tão cedo
Que mesmo às florestas
clemencias não dá
Nem salva-se os rios
Que mesmo em teu cio
De ganância e de fome
Não podes poupar
Teu status, tolo homem
De nada adianta

Se tu não danças, nem canta
Não podes amar
Responde-me, pobre homem
Se nada te encanta
Só a morte o espanta
Por que a poesia, se não queres rimar?

Ingênua ave, pois saiba você
Não temo o morrer
Se assim têm de ser
Assim então, será
Meus atos são tolos
Ser humano é o engodo
Mas não sinto consolo
Se em uma flor eu mirar

Liberte-se vil homem
e se banhe uma vez,
Nesse vale de lágrimas
Pra poder enxergar
A beleza que existe
Na dor de um amor
Mas também o prazer
Que existe em chorar



JASMIM E SEU FIM

Wesley Gabriel Marcondes

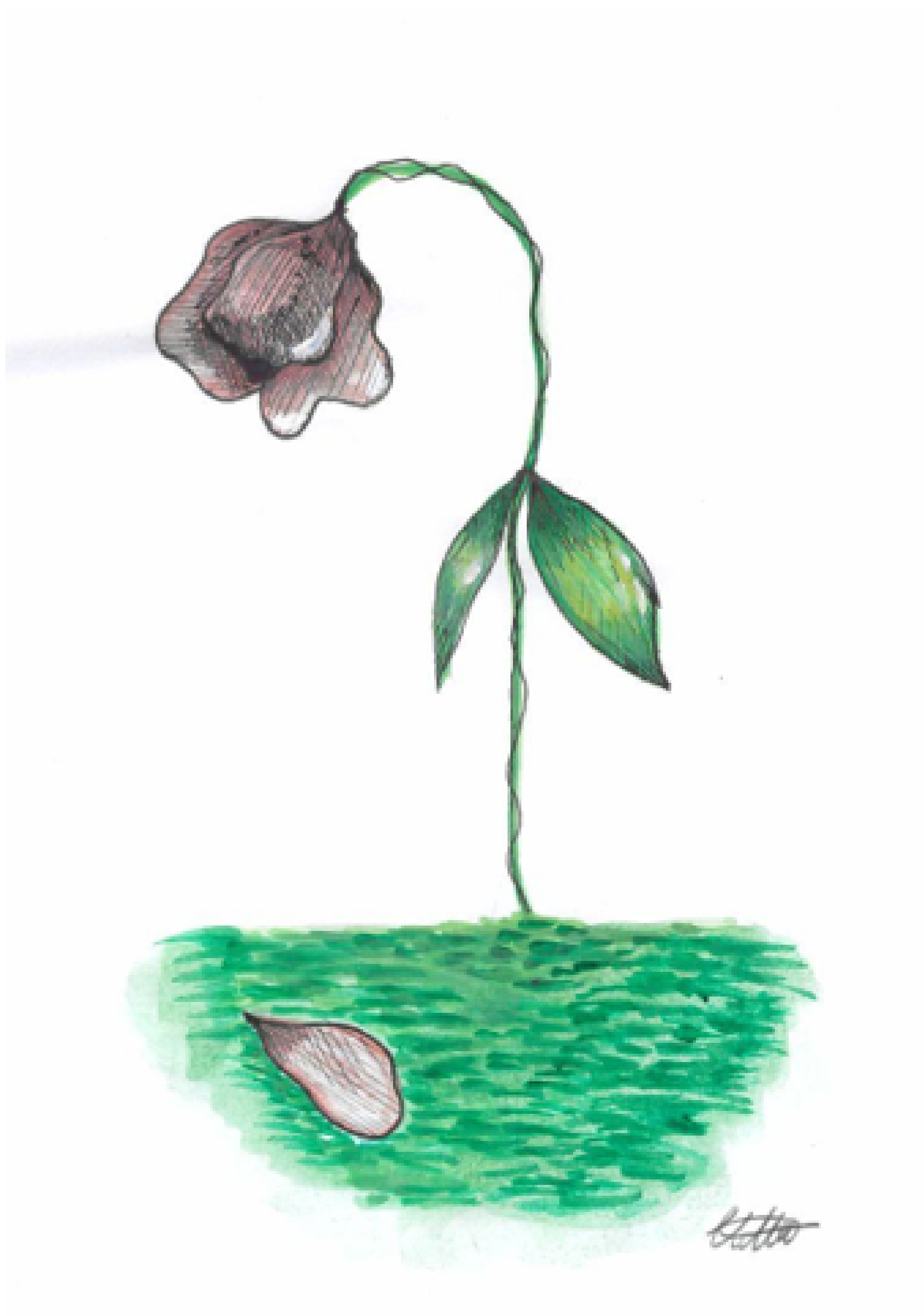
No canto fúnebre do jardim
Eu observo um jasmim
Me recordando do seu fim
Porque você fez isso para mim

Eu me sinto sozinho
Em meio a perdição
Tomando a mesma taça de vinho
Na mesma escuridão

O lugar que nos conhecemos
Me traz memórias
Da nossa grande trajetória
Será o mesmo lugar que nos esquecemos

O meu mundo está se esvaziando
Eu aqui lhe esperando
Acho que o correto é eu voltar para aquele fim
Naquele canto fúnebre do jardim

A saudade dói
Dói muito
É uma dor invisível
Que só se sente



A DANÇA DOS OLHARES

Wesley Gabriel Marcondes

Então na festa me sinto inseguro
Mas dançar nunca foi meu forte

Para não me sentir no completo escuro
Mas eu tenho muita sorte

Que o mundo fotografe a gente junto
Para poder assistir aquele momento

Que você não escute meu coração em pranto
Para assistir novamente o nosso momento

AMOR A MORTE

Wesley Gabriel Marcondes

Amor, cego em sua janela
Na minha visão a sua alma revela
Em sua visão eu preso na Viela

A viela do Amor
Um longo corredor
Eu não sinto dor

Uma dor finita
Um corredor infinito
Porquê me sinto aflito?

Aflito um sentimento sem luz que se esvazia
Me sinto cada vez sem alegria
Uma viela, escura e fria

Estou preso na viela
Desejo visitar meus amigos
Droga! Por quê eu estou no cemitério?

É NECESSÁRIO ENFRENTAR O INFERNO PARA APRECIAR O CÉU

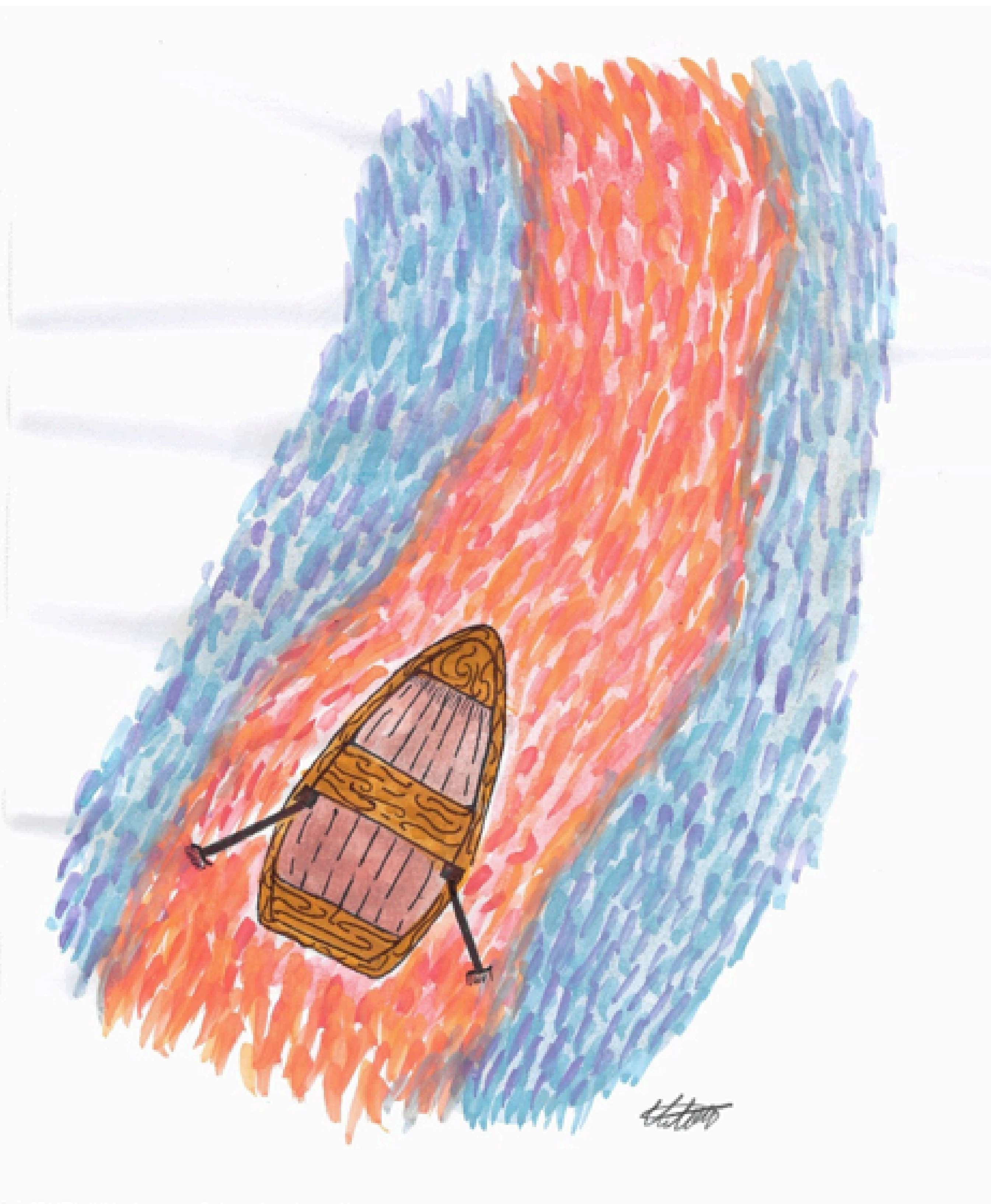
Wesley Gabriel Marcondes

O Mar escarlate brilha tanto como uma vida
Brilha, reflete, reverbera, como uma trilha
Um local onde você é bem-vinda

O Mar Vermelho se molda
Se transforma em uma tempestade
Um vendaval de sentimentos confusos que roda
Aguente mais um pouco vossa majestade

Uma tormenta sem cessar
Mas então se inicia a calmaria
O Mar raivoso encontra seu desfecho
As águas encontram sua Maria

Tudo volta a seu estado natural
O barco chega em seu local
Uma bela ilha triunfal
Onde pode-se ouvir um divino vocal



CARL ROGERS E SUAS ANDANÇAS PELAS GERAIS

Antônio Ângelo Favero Coppe

Guimarães Rosa já dizia que o sertão é o mundo e que Minas são muitas: “Esses gerais são sem tamanho... O sertão está em toda parte”. E o “sertão é onde o pensamento se forma mais forte do que o poder do lugar”. Então, aproveitando o dia carrancudo resolvi entrar no meu sertão em Minas e fui numa fundura medonha onde as lembranças estavam agarradas num cantinho da existência. Fiquei preocupado porque “para trás não há paz”, mas por outro lado cismeiei se também não contar isso ficaria agarrado e assim tirar esse causo lá do canto e ter paz, pois quem sabe, falando dele eu possa entender melhor o que se sucedeu e, quem sabe ser ajudado nessa tarefa de compreender.

Veja você: uma coisa intrigante é o fato de que Carl Rogers, “numa das suas andanças pelo Brasil, deu uma fugidinha do grupão e não se sabe por onde andou”.

Pois então, um dia quando numa encruzilhada da vida encontrei um caboclo e num dedo de prosa que tiramos ele me contou a seguinte história:

“Nu cumeçu eu num tava intendendo bem aquele homem careca di fala mansa uma fala meio inrrolada. Acho que que era lá dos estragero, num falava muito, era bem mais de escuitá.

Umas das coisa que falô qui num danta querê mostra prus outro u qui a gente num é. Arguma coisa assim comu qui mentira tem pena curta.

Num sei o qui é esse tar di eficais, mas ele disse qui é mais eficais quando a gente consegue ouvi ele memo, quando aceita sê ele memo, quando consegue sê ele memo

Dissi que aprendeu isso com seus criente, acho que ele era vendedor! Disse também que aprendeu isso com a ispiriência vivida dele memo.

Dissi que a gente num muda. Disse que gente num pode mudá do jeito que a gente é memo si num aceita, bem lá nu fundo, o que a gente é memo.

Me oiô ansim bem nu fundo dos meus óio e dissí:

É mió de bão é cumpreendê us outro. É muito bão abri um caminho prus outro chegá na gente. E qui chegue trazendo suas emoção, seus sentimento. Os jeito qui tem de oiá o mundo.

Oiá, dissí ele: é muito bão memo quando a gente aceita us outro du jeito qui us otro é, assim sem tirá nem pô.

Oiá, disse ele otra vez:

Quanto mais eu tô assim, aberto pras coisa do jeito qui as coisa são memo prá mim, menos tenho qui remediá as coisa a todo custo.

Ansim eu devu di cunfiá na minha ispiriência, quando vejo qui uma coisa vale a pena, quando vejo qui é uma coisa boa, o negócio é tocá in frenti memo.

As conversas dus outro num danta muito pra mim: só eu memo sei di mim si tô sendo honesto cum as coisa; só eu memo sei di mim si to sendo zeloso cum as coisa; só eu memo sei di mim se tô agindo cum verdade memo.

Uma hora parou... ansim cumu parava no meio das cunversa. Respirô fundo e dissim ansim:

A ispiriência é pra mim a utoridade suprema!
Dipois falô ansim:

Tô sastifeito cum a ispiriência, ansim, viveno e aprendeno, fui colocano orde nas coisa. Nada como si dicipriná pra aprendê a caminhá siguro. Ansim caminhano, ispirimentano é qui si cunfirma os pensamentos.

I qui num tem coisa mió memo que us acontecido. Us acontecimento vivido. Isso é qui dá sustança pras verdade di cada um.

Quando achei qui u home num tinha mais o qui dizê depois di um tempo, um tempo daqueles qui ficava cismano sozinho, oiô bem pra mim e dissim:

Tudo aquilo qué mais pessoar em cada um, é o que há de mais gerar in todo mundo.

E ocê pode creditá, disse ele pra mim;

As pessoa são boa, as pessoa tem um tino ansim pras coisa certa pra mode crescer na vida. E si ocê creditá nas pessoa, si fazê qui elas sabe disso, elas vão sê mió in tudo. Pois, as pessoa qui são aceita cumo elas são memo, num inventa e nem farseia. Prucura um caminho certo de fazê só coisa boa!

A vida é ansim cumo o vento qui sopra, uma hora prum lado, outra hora pra outro lado; num tem rumo fixado. Flui cumo fumaça por diversos caminho.

I pra termina a conversa disse qui num tem filosofia, nem credo, nem quarqué coisa que faz os outro agi cumo nós memo. Dissi qui a gente tem memo é qui vivê conforme nós intendi, conforme as coisa chega nu nosso intedimento próprio. E qué bão deixa os outro vivê cumu cada um intendi qui deve vivê memo.

Só sei que do jeito qui veiu, vortô.
E fiquei cismando cumigo memo.
E ansim memo, sem tirá nem pô.

Acho que essa prosa explica por onde Rogers andou...

Também acho bom contá-la, pois quem sabe, assim fica o registro dela e vocês podem me ajudar a entender melhor o que ele falou. "Porque aprender-a-viver é que é o viver mesmo".

Mas fiquei remoendo a lembrança dessa prosa, tentando lembrar o nome do caboclo que me contou. Não sei não, mas acho que foi um “ tar di cumpadi Cróvis lá das bandas de Campinas”. E se alguém souber do seu paradeiro, acho que pode confirmar com ele e me dar notícias dele.

Lambari, 24/02/2020, num chuvoso.

Cumpadi Cróvis foi achado, mandei pra ele essa estória, ao que ele arrespondeu em 12 de março de 2020:

Meu querido cumpadi Coppi!

Foi muito bão recebê essa missiva docê, uai, muito bão memo!

Eu gostei demais dessa história e dessa incrusão que o cumpadi feiz di mim, uai.

E se era pra cunfirmá, tá cunfirmado, foi tudo verdade memo, acunticido!!

Fiquei até querendo dar uma continuidade nela com alguma iscapada do homi aqui pu estado de são paulo.

Tô meio cunfuso com os caipireis, o nosso é um pouco diferente du do ceis mais a cunvivencia e a pruximidade mi cunfundi. Mas vô deixá na lista das intenção.

Mostrei ela pa minha fia, que tamém gostou demais, uai.

Ansim, fico gradicado, cumpadi e torceno pruma prosa presenciar. Sodade docê!

Abraço, Clovis

Tive duentado, cumpadi, passei mar, daí a demora, discurpa

A EXPRESSÃO DO EU

Jessika Elisa Coutinho

EU a pouco tempo mal sabia o que queria, pensar que a maioria passa pela fase da dúvida, o que vou seguir, estudar ou trabalhar, se escolher estudar, o que estudar?

A vida é cheia de decisões, EU mesma me encontro em uma encruzilhada novamente, continuar no meu atual serviço ou começar algo novo. Nas opiniões que busquei todos me aconselharam o mesmo, mas talvez o mesmo não seja o que eu quero.

Estar no mesmo lugar estou me sentindo tão acomodada onde estou eu quero mais, mais conhecimento eu sei que sou capaz de estar em um lugar melhor, com pessoas melhores.

No meu pouco tempo de caminhada estudantil, dois professores me disseram duas frases distintas que eu sempre levo comigo.

“_Nada é mais importante que estudar, e a educação física prolonga vidas. Busque sempre ser o melhor, melhor que você mesmo a cada dia”.

“_Nunca fique com preguiça de dar o seu melhor! você colherá os frutos de uma vida boa fazendo o seu melhor”.

Esta segunda frase, foi de um professor que pegou muito no meu pé!

EU já tive vontade de desistir várias vezes, mas ele sempre deu bons conselhos, além de ele ser um ótimo profissional ele era excepcional como pessoa também. Sempre antes das aulas escreviam uma frase motivacional na lousa.

Ele sabia como eu era preguiçosa, mas sempre viu o potencial em seus alunos. Sabia que quando eu colocava a preguiça de lado e dava o meu melhor. De lá saia algo espetacular.

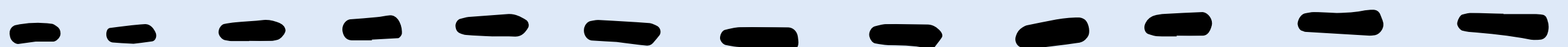
A química nunca foi algo que me atraiu, mas ele como químico, professor apaixonado pela sua área de atuação. Me fez amar a química, me apaixonei tanto pela área que me pôs em dúvida, na certeza de estudar educação física que sempre tive desde criança.

No final das contas escolhi a educação, no meu ponto de vista as duas áreas sempre estiveram interligadas, apesar da maioria não concordar muito comigo.

Ele estaria orgulhoso da minha evolução como aluna. Eu Acredito que eu estou orgulhosa com a minha evolução.

A vida é cheia de escolhas e a melhor das escolhas que eu fiz foi escolher a Educação Física, foi onde sempre me senti acolhida.

Na infância, na adolescência quando estava triste, deprimida, com raiva, brigas em casa ou momentos ruins sempre corria para uma quadra, campo de futebol, quadra de areia, ou seja, o esporte sempre me salvou.



Além de um professor de Educação Física sempre tive neles um amigo um psicólogo um comediante e neles me inspirei sempre ser alguém melhor.

E no futuro ser tão boa quanto eles que um dia foram para mim e hoje estou nesse tão sonhado futuro.

Em um dos cursos de recreação que participei recentemente um certo profissional disse: vivendo e aprendendo a jogar nem sempre ganhando nem sempre perdendo, mas aprendendo a jogar.

Após refletir essas palavras, nossa vida é um jogo, nem sempre estaremos ganhando, mas ganhar é bom!!!

Perder nunca é bom, mas é mais fácil aprender quando se perde do que quando se ganha você já viu quando você perde vem aquele sentimento tipo um aperto no coração, então você vê os amigos que foram campeões e se alegram com eles e fala em um futuro próspero vamos nos esforçar a mais, para vencer eles.

Viva jogando e busque sempre aprender na “vitória” ou na derrota.



Ah, O AMOR... QUE ME MOVE, QUE NOS MOVE E QUE TRANSFORMA

Renata Aparecida de Paula Pereira Aguiar

Memórias... Às vezes alegres outras tristes; algumas dolorosas, outras suaves; umas impactam, outras motivam; algumas congelam; muitas nos fazem prosseguir firmes, na certeza de que ainda temos muito que escrever nas páginas da nossa vida. Não importa que nesse exercício oscilem sentimentos diversos, o que importa é que por meio delas nos constituímos pessoal, profissional e socialmente.

Este memorial é o produto de um trabalho solicitado pela Prof.^a. Dr.^a. Valéria Oliveira de Vasconcelos, orientadora para dissertação do Programa de Pós Graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade, ofertado pela Univás. É um exercício de reflexão, de autoconhecimento, de transformação e, ao mesmo tempo, de correção de rotas e de busca por novos caminhos. Deve-se partir sempre daquilo que nos é mais significativo, do que nos toca a alma, o coração e, conseqüentemente, nossa mente.

Encontrar o ponto de partida foi algo inusitado. Para um trabalho acadêmico seria pertinente encontrá-lo em artigos, livros, textos científicos e outros gêneros comuns a este universo, mas encontrei-o enquanto entoava, despreocupadamente, uma das músicas que mais amo e cuja letra está em 1Coríntios 13: 1-7 e 13. Nela, o autor reflete sobre inúmeras virtudes até concluir que a maior de todas é o amor. Aprendi essa virtude maior dia após dia, no seio de minha família, não só com palavras, mas com ações e vivências.

Minha história começou assim ...

José Benone e Maria Raquel se uniram em matrimônio e um ano depois, receberam de Deus a graça de serem pais. Nasci no dia 24 de outubro do ano de 1973. Como sempre me disseram, nasci um bebê grande, forte e muito esperto. Aos poucos me tornei a princesa da casa e era muito mimada pelo meu pai. Nasci num período em que minha família estava numa condição de vida mais tranquila, melhor.

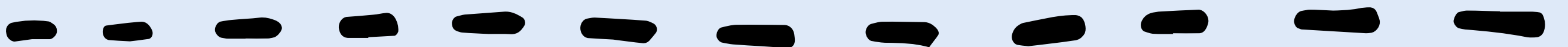
Quatro anos depois, nascia meu irmão, que soube depois, veio de uma gestação muito difícil, em que os médicos até sugeriram interromper a gravidez, mas minha mãe não aceitou, pois acreditava que tudo na vida tem um propósito e

Sempre acreditei que o amor é a resposta, o caminho, a força propulsora e transformadora de nossa vida e de todos aqueles que cruzam nossa trajetória. Revisitar minha trajetória humana até os dias atuais abriu as portas para meu autoconhecimento e para me ajudar a trilhar caminhos que ainda estão por vir.

“Ainda que eu falasse línguas, a dos homens e dos anjos, se eu não tivesse amor, seria como o sino ruidoso ou como o címbalo estridente.”

Quando me deparo com esse versículo, meu coração transborda de tantas lembranças... Lembranças de minha mãe e meu pai, da minha casa pequenina, da simplicidade e das dificuldades, das alegrias e tristezas, das lutas e conquistas e, o mais importante, do imenso amor, que nos manteve unidos em todos os momentos e, inclusive, do aconchego que todos que chegavam até nosso lar encontravam. Aprendi desde a mais tenra idade, com eles, que a fé sem obras é morta e que ajudar o outro deve ser nossa razão de viver. Assim, vi minha casa, embora simples, acolher a todos, sem distinção - vi o órfão ser amparado, o idoso acolhido, a gestante cuidada, o bebê tendo a chance de um tratamento adequado, a pessoa portadora de deficiência, seja ela qual fosse, ser tratada com respeito, o doente ser tratado, enfim, vivenciei o amor na sua forma mais profunda - o de acolher, amar, cuidar, amparar, ouvir.

Meu lar era o lugar mais doce de se viver e, ao mesmo tempo, para a minha concepção de criança, diferente. Eu não tinha um quarto só para mim, havia pessoas precisando repousar em minha cama; não tínhamos refeição na mesa, pois eram tantas pessoas que iam e vinham para se alimentar, que cada uma comia em um lugar. Lembro-me de minha mãe sempre dizendo "Aqui é como coração de mãe, sempre cabe mais um!", "Onde come um, comem dez!", "Fechou a porta, cabe todo mundo" e, por aí seguia. Roupas ganhávamos e repartíamos com os outros; minha casa não era somente um lar, era casa de repouso, de apoio, hospital, farmácia, orfanato, templo de oração e de acolhimento para todos; minha mãe, uma "mulher maravilha" - cuidava como enfermeira, ouvia como psicóloga, acolhia como mãe, assumia as vezes de juíza, de conselheira, de apaziguadora; além de mãe, esposa, amiga, mulher. 92



Acolhia as jovens que se engravidavam solteiras, apoiava e mediava os conflitos entre elas e suas famílias; tinha sempre os braços abertos e ensinamentos para acolher os que eram julgados como diferentes. Não permitia injustiça e sempre pregava o amor, a união, a fé, o respeito e a certeza de que Deus ama todos sem qualquer distinção.

Mãe... A mulher que me ensinou tudo isso e, ainda me despertou para a paixão da leitura e da escrita. Mesmo sem ter concluído o primário, era uma leitora voraz e grande escritora, muito procurada pelos mais jovens da cidade para ajuda-los a fazer redações. Aprendi com ela, principalmente a ter fé, confiança na providência divina e a viver no cotidiano o amor ensinado e praticado por Jesus e que Ele espera que cada um de nós vivamos.

Impossível narrar aqui tudo o que vivi, ouvi, aprendi, guardei ao longo desses meus 50 anos e que fui colocando em prática e aprendendo mais e mais.

“Ainda que eu tivesse o dom de profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência; ainda que eu tivesse a fé a ponto de transportar montanhas, se não tivesse o amor, eu nada seria.”

Minha trajetória escolar começou aos 7 anos, no ano de 1980, no antigo “prézinho”, onde fui recebida pela inesquecível “Tia Pama”. Uma professora perfeita !!! Bonita, que cantava, ensinava muito bem, tinha uma letra linda, adorava contar histórias, pintava, desenhava, participava do coral da Igreja e preparava apresentações maravilhosas na escola e fora dela, que envolviam todos os alunos e, conseqüentemente, suas famílias. Para ela, não havia alunos ricos, pobres, feios, bonitos, com dificuldades ou não, éramos todos tratados iguais e ela se dedicava de corpo e alma à nossa formação integral. Era o sonho de toda criança da minha época e de suas famílias, tê-la como mestra. Posso dizer, que fui uma agraciada, pois ela acompanhou-me até a 4ª série. Tia Pama era o meu segundo modelo de mulher - alegre, inteligente, elegante, determinada, empoderada, responsável, independente, família, cuidadosa, uma artista (cantava, pintava, desenhava, tinha uma caligrafia linda, bordava e, por aí vai). Posso afirmar que, depois de minha mãe, ela era o modelo de mulher que eu desejava seguir - forte, inteligente, destemida, alegre, guerreira, trabalhadora, honesta, respeitada, ouvida, querida e, principalmente, movida pelo amor!

“Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse amor, nada disso adiantaria.” No ano de 1985, ingressei na 5ª série, no período noturno, já que minha cidade por ser pequena, só tinha uma escola, que era estadual, com poucas salas e funcionando nos três turnos. Minha turminha de jornada seguiu juntinha para “o colégio” (como chamávamos na época da 5ª série à 8ª série). Aqui, me deparei com a primeira face impessoal da escola - deixei de ter um nome e me tornei um número, deixei de ter uma “tia” e ganhei professores, não pude mais cantar, dançar, fazer teatro, não ganhava mais mimos e presentes da professora, ninguém se importava com a minha letra, a organização do meu caderno... Enfim, todos sentiram muito e eu, junto com outros colegas, não consegui superar a mudança brusca. Uns tiraram de letra, alguns desistiram de estudar e outros repetiram ao longo do caminho. Eu reagi ficando mais agressiva, indisciplinada e, mesmo estudando, apresentei dificuldades com a matemática. Posso dizer que ganhei um rótulo “inteligente, caprichosa, organizada, mas, muito rebelde e agressiva; difícil de lidar; fraca na matemática”.

Nesse trajeto, duas professoras cruzaram meu caminho e fizeram toda a diferença: a de História e Geografia. Mulheres fortes e ao mesmo tempo, suaves, gentis, inteligentes e, acima de tudo, amorosas! Souberam fazer diferença na minha vida!!! Eram simples, não faziam alvoroço e nem se vangloriavam de serem professoras com faculdade (coisa chique na época), não eram soberbas e nem humilhavam os alunos. Eram puro amor! Enxergavam além das aparências; enxergavam quem éramos de verdade. Apaixonei-me pela História e Geografia!

Nem preciso dizer, que foram meus exemplos de mulher! Nóvoa (2001) afirma que “a formação é um ciclo que abrange a experiência do docente como aluno, como aluno-mestre (graduação), como estagiário (supervisão), como iniciante (nos primeiros anos da profissão) e como titular (formação continuada).” Nessa reflexão pessoal, pude confirmar o quanto essa afirmação é real, pois estou me enxergando como produto de minhas experiências. Soube aproveitar as boas e transformar as que não foram tão boas e/ou positivas em lições para não repeti-las. Aprendi que o amor tudo pode; tudo transforma; tudo realiza!

“O amor é paciente, o amor é prestativo; não é invejoso, não se ostenta, não se incha de orgulho. Bondoso.”

O tempo passou... Concluí a 8ª série e de ímpeto, não ouvindo os conselhos de minha mãe, para fazer o magistério, ingressei no Ensino Médio, chamado de colegial. Na minha cidade não era ofertada essa modalidade de ensino, portanto todos os dias me deslocava até a cidade vizinha para continuar meus estudos. Meus pais se esforçaram muito para poder pagar o transporte, que era particular na época e para comprar os livros, sempre usados, já que não havia livro didático. Fiquei perplexa no primeiro dia de aula, com o tamanho da escola, com as novas disciplinas e com alguns professores, extremamente impessoais e arrogantes.

Minha mãe sempre me orientou a cursar o magistério, para trabalhar e mais tarde poder cursar uma faculdade, coisa que ela não poderia pagar para mim. Eu insistia no colegial e ela continuava firme na sua opinião e nos seus conselhos quanto ao magistério.

No segundo colegial, vendo que não estava feliz e nem realizada, optei pelo magistério. Ah, minha vida se iluminou a partir dessa decisão. Ali, me encontrei como ser humano! Entendi qual era minha vocação - ajudar na formação de outros seres humanos.

Durante os três anos de magistério pude colocar em prática tudo o que havia aprendido com minha primeira professora, na arte de ensinar. Mesmo ela não sabendo nada de Wallon, agia pautada na afetividade; sem conhecer Piaget desenvolvia atividades lúdicas e que favorecia a construção do nosso conhecimento, nunca criticando nossos erros, mas tomando-os como ponto de partida para a aprendizagem; desconhecendo Vygotsky, atuava na zona de desenvolvimento proximal, como mediadora entre o conhecimento real e o potencial, criando espaço para que a aprendizagem acontecesse por meio de nossas experiências; não dominava a psicologia, mas sabia como ninguém estimular nosso eu e levar-nos a superar todas as dificuldades. Era de uma didática inigualável! Tinha um domínio de sala, pautado no respeito, na amizade, no amor e na responsabilidade para com cada um daqueles que estavam sob seus cuidados. Pude também, refletir sobre os modelos negativos de professores que tive para não me tornar como eles. Fui desacreditada como futura professora, por alguns professores, pois sempre fui de questionar atitudes tomadas por eles de forma autoritária, arbitrária, injusta e humilhante, que feria o próximo, pois aprendi desde cedo a ser a voz daqueles que não a tem.

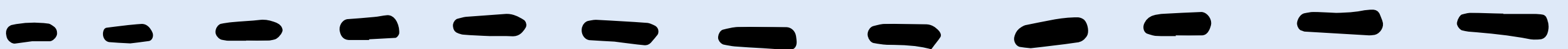
Já no primeiro ano de magistério, comecei a lecionar na zona rural, em salas multisseriadas e ali, no chão da escola, fui me formando enquanto educadora. Trabalhei em todas as modalidades de ensino, desde a educação infantil até colegial e educação de adultos.

No final do magistério lecionei para minha mãe, que voltou a estudar no quarto ano a noite, supletivo, para poder fazer o curso de técnico em enfermagem. Não consigo mensurar quem estava mais feliz - eu ou ela. Éramos um misto de emoções! Não havia ali, educando e educador, mais duas pessoas que na cumplicidade da vida se amavam muito e tinham objetivos claros a seguir.

“Nada faz de inconveniente, não procura seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor.”

Formei-me em 1993 e já assumi duas turmas como regente para o ano todo. Ali, minha trajetória profissional como educadora foi se consolidando e em 1994, já tendo um trabalho, iniciei a faculdade de História.

Era uma faculdade de final de semana, distante de minha casa, mas era a única que eu conseguiria fazer trabalhando e que poderia pagar. Meus pais ficaram muito orgulhosos, mas desde o início me disseram que não tinham como me ajudar a pagar, pois era caro. Mesmo assim, ajudavam sempre que possível, dando dinheiro para o lanche, quando eu não tinha. Muitas vezes, sem dinheiro, minha mãe dava um jeito de preparar algo para eu levar e comer à noite. A saída era toda sexta-feira, às 15 horas, da cidade em que trabalhava, numa Kombi e, juntamente com outros colegas, seguíamos viagem. Chegava às 19h na faculdade e ia direto para a sala de aula. Dormia em uma pensão e no outro dia tinha aula até meio-dia e depois retornava. Nunca vi dificuldade nenhuma, pois eu amava estudar e queria muito ter um curso superior para poder dar aula no colégio. 99



Segui firme por dois anos, mas fiquei desempregada, devido a nomeação de professores de um concurso público para ocupar os cargos e não tinha como continuar pagando. Minha mãe não pode me ajudar, pois estava custeando a estadia do meu irmão em outra cidade para que se formasse técnico em telecomunicações. Ela conversou comigo explicando que tudo tem seu tempo, que eu já tinha me formado e ele não tinha nenhuma formação ainda e como mãe, ela queria que ambos tivéssemos uma formação, para termos um trabalho melhor e podermos buscar um futuro promissor por meio dessa formação inicial. Chorei... Chorei muito, mas compreendi que ela estava certa e que seu amor por nós era imenso.

O amor não é egoísta, não pensa somente em seu bem-estar, quem ama entende e quer a felicidade do outro também. Assim, aceitei que era a vez do meu irmão, meu amado irmão.

“O amor não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade.”

Durante os anos subsequentes, consegui aulas tanto no colégio quanto nos anos iniciais e sempre fui corajosa e dedicada, estudando muito para fazer a diferença para meus alunos. Não atuei somente como professora primária, em todas as séries, mas ministrei aulas de história, inglês, geografia, arte, ensino religioso e língua portuguesa. Sempre motivada pelas colegas e diretoras, que acreditavam em minha capacidade e dedicação.

Mesmo não podendo voltar a estudar, fiz muitos cursos de formação ofertados pelas diretorias regionais de ensino e estudei muito, passando em dois concursos municipais e um estadual. Em nenhum momento, fiquei maldizendo minha sorte por não ter podido continuar minha faculdade, mas em todos eles agradecia a Deus pelas oportunidades e por ver que minha mãe estava certa.

Sempre ouvi de minha mãe que mulher precisava estudar, ter profissão e ser independente, para tomar as rédeas de sua vida e não depender de ninguém.

Quanto mais adulta eu me tornava, mais compreendia as verdades por trás destes conselhos, que traziam em si parte de suas experiências como mulher, filha, esposa e mãe. Tornei-me a maior confidente dela, éramos amigas e comecei a entender sua história de vida e o quanto ela desejava que eu rompesse o ciclo de dependência emocional e financeira. Uma mulher atemporal, defensora de pautas tão atuais como empoderamento, independência, igualdade de direitos e respeito às diferenças fossem elas quais fossem.

“Tudo desculpa, tudo crê; tudo espera, tudo suporta.”

No ano de 1998, nenhum concurso havia ainda dado posse e fiquei sem aulas na minha cidade e na cidade vizinha, mas consegui aula numa cidade um pouco mais distante. Lá, passei por momentos difíceis, não fui bem aceita por ser de outro lugar e até colocada de lado. No início chorei, fiquei desanimada, mas minha mãe sempre dizia “Siga firme, filha! Você é capaz! Eles não imaginam a excelente professora que ganharam.” Fui perseverante e aos poucos, fui mostrando o quanto eu era responsável e capaz. Desenvolvi elos de amizades e respeito, que perduram até hoje.

Em 1999, fui designada para trabalhar numa escola de zona rural, na mesma cidade, mas que era bem distante. Fui para um bairro pequeno, lecionar para uma turma de educação infantil. Era uma escola pequena, três salas apenas. Eu tinha nove alunos, sendo um especial, outro com problemas de crescimento e na fala, dois com dificuldades de aprendizagem e o restante muito humildes. Posso dizer que ali, me realizei ainda mais como educadora e ser humano. Consegui envolver os pais e todo o bairro nas atividades da escola e, aos poucos, meus alunos foram aprendendo e se desenvolvendo mais.

No início do ano meu irmão se formou e em julho, foi a vez de minha mãe concluir o curso técnico de enfermagem. Eram tantas alegrias, que jamais imaginei que passaria pelo momento mais doloroso de minha vida.

No dia 08 de outubro de 1999, perdi minha mãe num infarto fulminante! Morreu nos meus braços! Meu mundo parecia ter desmoronado. Após uma licença de dois meses, tive que retornar em meio a uma depressão. Lá, naquele cantinho humilde, fui acolhida e amada e, mesmo em meio a tamanha dor, encontrei forças para fazer “a formatura do prézinho” para meus pequenos, num galpão onde guardavam sementes de batatas e que num esforço coletivo, tornou-se um teatro, onde apresentamos uma peça criada e ensaiada por mim sob o título “500 anos do Brasil e 2000 anos do nascimento de Jesus”. Foi gratificante ver cada criança atuando e brilhando! Mesmo com o coração dilacerado, encontrei forças para fazer a diferença na vida deles. No ano seguinte, fiquei noiva! Mais uma vez, o amor era a resposta, mesmo em meio à dor.

Seguir depois dessa perda não foi fácil, mas foi necessário. Fiquei com um pai doente, um irmão que acabara de se formar e não trabalhava ainda e tive que assumir o lugar da minha mãe na família. Encontrei inúmeras dificuldades tanto financeiras, quanto emocionais, mas apoiei-me em Deus, no trabalho e nos estudos, além de poder contar com um noivo que sempre esteve ao meu lado.

Estudar era uma forma de preencher as horas vazias e de desespero. No ano 2000, consegui aulas em minha cidade, fiz vestibular numa cidade mais próxima e entrei novamente para o curso de História. Após análise do meu histórico, iniciei minha formação acadêmica. Foram anos, pois tive que cursar disciplinas em turmas diversas e, até hoje, não sei explicar como consegui voltar a estudar e até mesmo pagar essa faculdade, num momento tão doloroso e complicado - afirmo veementemente "Foi Deus e foi ela - sua força, garra, exemplo e conselhos não me deixaram sucumbir a tamanha dor!"

No ano de 2006 concluí minha faculdade, numa Colação de Grau realizada para alguns alunos com situação diferenciada. Foi um dia de vitória, mas ao mesmo tempo triste e incompleto!

Logo comecei a dar aula e tomei posse em duas prefeituras, sendo que em uma sofri muito por perseguição política, mas sempre procurei fazer o melhor para os meus alunos e para a educação como um todo, não deixando que nada afetasse o meu profissionalismo e a minha sala de aula.

Segundo Nóvoa (2001) "O melhor lugar para aprender a lecionar melhor é a própria escola", e foi dentro dela, na troca constante com os pares, na prática cotidiana e na formação contínua, que fui e estou me formando enquanto educadora.

Casei no ano de 2003, numa cerimônia linda! Todos os alunos para quem eu lecionava foram minhas damas e pajens. Os pais se esforçaram ao máximo para tornar esse dia especial para mim. A Igreja estava repleta, pois sou muito conhecida devido aos meus pais e minha profissão. Não fiz festa, pois não haveria como convidar todos, e nunca seria capaz de fazer acepção de pessoas. Depois de quatro anos, nascia o amor da minha vida - Luiz Felipe. Uma benção que recebi de Deus. A força que eu precisaria para continuar e encarar tudo ainda que estava por vir. Meu filho me fez entender ainda mais a fundo, o tamanho do amor de uma mãe. Foi na experiência da maternidade que compreendi a fundo o que minha mãe me ensinava e o quanto ela nos amava. Aprendi o quanto um filho é importante, que sempre queremos o melhor para ele e que quando não são acolhidos e amados na escola, a dor que sentimos é tamanha. Que as diferenças existem, mas nunca devem ser determinantes na vida de nenhum ser humano. Elas devem ser entendidas e favorecerem a busca por novos caminhos que promovam a dignidade humana. Luiz Felipe fez brotar em mim um amor que eu jamais julgara existir, deu sentido a minha vida e me fez entender a imensidão do amor de minha mãe por nós.

Nunca parei de estudar, pois sempre percebi o quanto os educandos necessitavam de professores aptos e capazes de lidar com as diferenças. Sempre busquei atuar junto àqueles que “estavam fora da curva”, era ali que eu sabia que precisavam de mim.

Tornei-me uma professora apaixonada pela alfabetização, não foi à toa que permaneci e sempre empreendi esforços para que todos os meus alunos aprendessem, não aceitando que ninguém ficasse para trás. Logo busquei uma pós graduação em Psicopedagogia, concluída em 2008. Não satisfeita, no ano de 2013, participei de um vestibular para Pedagogia numa Universidade Federal. Passei e me dediquei a estudar muito. Não pedi créditos devido às formações anteriores que eu tinha, meu desejo era aprender mais e mais. Tinha um desejo incessante de aprender, não só pelo conhecimento em si, mas para poder atuar ética e culturalmente diante das complexidades atuais.

Mais uma vez, o estudo e a busca por conhecimentos, me ajudaram a passar por outra fase difícil - a doença de meu pai. Posso afirmar que nas noites mais sombrias, nas salas frias dos hospitais, os livros eram minha companhia e, ao retornar delas, era no meu filho e nas salas de aula, que eu encontrava forças para prosseguir.

Tornei-me mãe do meu pai! Cuidei dele, dia após dia, mesmo lembrando o quanto ele, muitas vezes, deixou de cuidar de nós. Fiz o possível e o impossível para que ele tivesse os melhores médicos, hospitais e cuidados. Carregava-o nos braços e deixava meu filho, nas mãos do pai e da madrinha, para poder cuidar dele. Sozinha, cuidei até o fim e com amor, muito amor.

Em 2017, ele se foi e novamente me vi com a dor da perda, da orfandade. Ali, pude entender o quanto nossas crianças e jovens órfãos sofrem, pude entender que muitas vezes, é no acolhimento da escola e no abraço de um professor, que elas encontram o carinho, o amor e a força para seguir.

O amor, sempre esteve presente em minha vida e me motivou a prosseguir.

Tomei posse na rede estadual de educação, no mesmo ano e exonerei o cargo na prefeitura de minha cidade. Assumi como professora de História, numa escola grande, que atende em sua maioria alunos dos bairros periféricos da cidade e da zona rural. Não foi fácil! Deparei-me com uma realidade assustadora, que eu jamais imaginaria existir naquela cidade - jovens em situação de vulnerabilidade social, outros envolvidos com drogas e violência, outros de situação de grande desajuste familiar dentre outros.

Durante a primeira semana, saía da sala desanimada e até chorando, devido ao desinteresse, a falta de respeito e ao tumulto dos alunos. Pensei inclusive em desistir, pensando que eu não precisava daquilo, pois teria trabalho garantido em qualquer escola particular ou municipal que desejasse. Mas uma força interior, não me deixava tomar a decisão de desistir e um dia, uma colega me animou dizendo: “Você é capaz! É excelente em tudo o que faz! Acredite!”. Ao sair naquela sexta-feira, chorando, decidi que era ali que Deus me plantou, portanto era ali que Ele esperava que eu florisse. E assim, fiz!

A primeira ação que senti necessidade de tomar foi no início das aulas, sempre marcada pelo tumulto. Comecei pedindo silêncio e propus que fizéssemos uma oração ecumênica. Alguns aceitaram, outros continuaram conversando e outros apáticos só observavam. Falei sobre a importância daquele momento e iniciei uma oração bem simples, pedindo a Deus que abençoasse nossa sala, nossa escola e nosso lar. Senti que acalmaram e, a partir daí, sempre fazia isso em todas as turmas que eu entrava. Quando não lembrava, os próprios alunos cobravam de mim e, assim, fui aos poucos conquistando cada um deles, ouvindo-os e acolhendo-os em suas necessidades, ajudando-os nas dificuldades da escola e criando laços de amor, respeito e amizade.

Logo, a pandemia chegou e o medo pairou sobre a Terra. Digo o medo do desconhecido, das incertezas, da morte, da perda de um ente querido, o medo do que viria. No início tudo estava envolto nessa nuvem, mas a fé que sempre procurei manter viva, me fez enxergar o lado bom daquele momento. Nela tive a oportunidade de ser mãe por inteira e o dia inteiro. Pude contar minhas histórias e fazer com que meu filho conhecesse melhor a avó, já que ele nasceu depois de sua morte. Descobri que nosso lar é nosso santuário, nosso recanto sagrado! Meu esposo continuava trabalhando, pois era motorista da prefeitura e nossa maior alegria era quando ele chegava do trabalho e víamos que estava bem. Nosso elo familiar só se fortaleceu neste período.

Quando iniciamos as aulas remotas, me dediquei e aprendi a usar os recursos tecnológicos para chegar até meus alunos. Aproveitei e cursei a distância outra pós-graduação, agora em Neuropsicopedagogia e práticas inclusivas. Estudei muito, li e realizei todas as atividades propostas, pois meu intuito era aprender mais. Conclui esta segunda pós-graduação em 2022 e no segundo semestre, retornamos com as aulas híbridas.

No ano de 2023, assumi uma sala de 2º ano, resultado da pandemia. Não foi fácil! Tinha alunos em todos os níveis de alfabetização - um portador do TEA (Transtorno do Espectro Autista - grau 3), TDAH (Transtorno e Déficit de Atenção e Hiperatividade) e TOD (Transtorno Opositor-Desafiador), outro com déficit de aprendizagem, além de um cubano que estava aprendendo o português. Mergulhei de corpo e alma no meu trabalho, pois ali estavam todos aqueles que dependiam de mim para aprender e se desenvolver. Retomei o processo de alfabetização do início, com atividades lúdicas, jogos e brincadeiras, histórias e atividades entre pares, possibilitando que aprendessem. O aluno com TEA tinha uma professora de apoio, sem experiência nenhuma, então passei a orientá-la para a melhor forma de atender as necessidades do aluno. Eu já tinha dado aula para alunos portadores do TEA, nos anos finais do Ensino Fundamental, todos com grau mais leve do transtorno. Ali vi que eu tinha algo a aprender para poder fazer a diferença na vida do meu aluno de 8 anos. .

Comecei a pesquisar e estudar e fui me formando para atender as exigências que o TEA colocava, de forma a garantir não só a integração da criança, mas sua inclusão efetiva garantindo-lhe os direitos de aprendizagem, de competências e habilidades necessárias para a sua formação plena. Ele não elaborava frases, comunicando apenas com palavras; não seguia regras; usava apenas um box do banheiro; jogava tudo o que pegava; era agressivo com os colegas e outros professores e funcionários da escola, chegando a bater neles; os pais o seguravam com força para não escapar; gritava quando queria algo, tinha crises e se jogava no chão.

Observei bastante e minha primeira ação foi pedir uma reunião com os pais. Nela relatei tudo o que havia observado e criei nosso primeiro elo de amizade. Em seguida, me reuni com as profissionais da equipe multidisciplinar que o atendia e, na presença delas e dos pais, coloquei minhas observações e minhas percepções sobre a necessidade do aluno de ficar mais com os pais e destes de agir de forma mais firme com ele, afinal era perceptível a falta de autoridade dos pais, que faziam tudo o que ele queria, bastava chorar com insistência. Assim fui descobrindo como agir melhor com este aluno e percebendo que havia uma predisposição dele para as línguas. Ele já sabia ler e escrever com domínio, sabia inglês e espanhol e, durante o ano, aprendeu sozinho, usando o teclado do celular, o russo.

Partindo das observações fui tecendo junto com a professora de apoio um trabalho de inclusão e interação do aluno com os colegas e com toda a escola. Primeiro, fomos trabalhando as rotinas, o caminhar sozinho, o toque de afeto, a não agressão, a falar num tom mais calmo e baixo, a não sair correndo da sala, a usar o box que estivesse limpo no momento, a não agredir, enfim, fomos ajudando ele a entender como agir e ser compreendido por todos, incluindo-o nas atividades de leitura colaborativa, na execução de tarefas, nas apresentações de trabalhos e, inclusive para ajudar os colegas com as aulas de inglês. Todos os passeios, piqueniques e festas o aluno participou e demonstrou um excelente desempenho e participação, deixando a todos muito felizes, principalmente seus pais. Aos poucos, todos foram percebendo as mudanças tanto comportamentais quanto sociais, afetivas e cognitivas do aluno.

Ao mesmo tempo, me dediquei a incluir o aluno cubano, criando aulas em que ele ensinava aos colegas o espanhol. Era uma aula por semana, intercalada por aulas de outros colegas que compartilhavam seus dons como desenho, letreirinha, dobraduras, pinturas, artesanatos, dança, etc. Era a aula mais esperada da semana, chamada de "Quem sabe, faz ao vivo!".

No outro cargo, assumi como vice-diretora da escola e fui muito bem acolhida pelos alunos, professores, funcionários e toda a comunidade escolar. Mesmo realizada profissionalmente, ainda trazia em mim o desejo de fazer um mestrado, pois sempre acreditei que ainda tenho muito que colaborar com a educação do meu país. Sonhava em cursar um mestrado, atuar na formação de novos professores e trocar as experiências que ganhei ao longo dos anos como educadora. Sabia o quanto isso estava longe de acontecer, devido ao valor, mas tentei várias vezes nas universidades federais, mas sem êxito, afinal ainda não tinha um projeto de pesquisa.

Quando o projeto “Trilhas” do governo estadual de Minas Gerais surgiu, vi ali minha oportunidade. Tentei pela primeira vez e não consegui. Propus-me novamente a tentar, no ano de 2023 e desta vez fui escolhida. Fiquei tão feliz e me senti revigorada!

Estou cursando e amando cada momento, cada aula, cada seminário, cada reunião, pois ali está meu sonho e aquilo em que acredito. Desde o início, pensei em desenvolver meu projeto de pesquisa voltada para a formação docente e seu reflexo na inclusão, mas após a escrita deste memorial novos horizontes descortinam-se à minha frente e percebi que novas possibilidades se abriram.

O amor mais uma vez me leva a lugares nunca dantes imaginados, mas que me dão a certeza de que no final a vitória será certa.

Escrever esse memorial pareceu-me fácil, no início, quando foi sugerido pela minha professora orientadora, mas na prática pude vivenciar o quão difícil é, afinal memórias muitas vezes se perdem no tempo, em outras são perdidas por nós, de propósito, para que não nos machuquem ou nos desvelem coisas que queremos esquecer. Não achava por onde começar. Tentei de várias formas, mas nada fluía. Então, numa noite, lembrei-me de uma música, que sempre gostei e que era uma passagem bíblica que fala do Amor. Conforme cantava, lembrava fatos e acontecimentos de minha vida permeados pelo amor, inclusive do meu aluno com TEA, pelo qual desenvolvi um amor gigantesco, inexplicável. Ali, tive a certeza de que seria por esse texto, que minhas memórias iriam se desenrolar. Conforme escrevia, percebia o quanto esse exercício é fundamental para que nos conheçamos enquanto seres humanos históricos e sociais e possamos compreender quem somos, em que nos transformamos e qual é nosso papel no mundo.

Somos o produto de nossas experiências pessoais, familiares, sociais, históricas e culturais. Resgatar nossas memórias nos confere maior identidade e possibilita intervir no que seremos e nas memórias que deixaremos aos outros. Árdua tarefa no início, prazerosa em alguns momentos, dolorosa em outros, mas necessária para que eu me conheça melhor e possa trilhar meu caminho como pessoa e profissional em construção.

E, encerrando esse memorial, retomo o versículo 13 “Agora, portanto, permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor. A maior delas, porém, é o amor”.

SOBRE OS AUTORES

Antônio Ângelo Favaro Coppe

Licenciado em Psicologia e Psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1979), pós-graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1984) e mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001). Focusing Trainer pelo The Focusing Institute de New York, NY (2012). Tem experiência na área de Psicologia Clínica (Humanista-Existencial-Fenomenológica), com ênfase em psicoterapia centrada no cliente, supervisão clínica, atuando principalmente nos seguintes temas: psicologia humanista-existencial: abordagem centrada na pessoa e grupos de encontro. Psicologia Hospitalar. Professor no curso de Psicologia da Univás.

Daniela Cláudia Cardoso Ribeiro

Eu sou Daniela Cláudia Cardoso Ribeiro, formada em Biologia, Pedagogia, pós-graduada em Gestão escolar, Supervisão e Coordenação Pedagógica, Pós-graduada em Educação em Ciências, Mestre em Educação e doutoranda em Educação, Conhecimento e Sociedade. Atualmente, atuo na vice direção de uma escola pública em Bueno Brandão. Tenho um carinho especial pela poesia após ter participado de diversos projetos literários (sarau) na adolescência. Minha inspiração para escrever poemas nasceu de uma necessidade de externalizar meu sentimento diante de diversas situações que eu mesma vivi ou que presenciei em minha família e cotidiano. Cada poema retrata algo bem subjetivo de minhas raízes, eu escancaro nos simples versos o que eu realmente estou vendo ou sentindo. Amo tanto fazer poesias que eu escreveria o dia todo sobre quaisquer situações. Acredito que a poesia é um gênero textual de imensurável riqueza, pois tem a capacidade de transformar o abstrato em concreto e palpável.

Eveline Raquel de Oliveira Moura

Olá, eu sou Eveline, os meus textos já falam um pouco de mim. Mestre em Ciências da Linguagem, Psicóloga, Formação em Psicologia Social de Pichon Rivièrè, também MBA na área de Gestão de Empresas. Brincar e combinar as palavras sempre foi meu passatempo preferido. No meio da noite me surge uma ideia e com o dicionário do lado, junto palavras e vou rimando e combinando para expressar o meu sentimento e o meu pensamento. Atuar em diversas empresas, dar aulas em diversos cursos e morar em 11 cidades, me permitiu estar aberta ao mundo, às pessoas e aos grupos. Em meus escritos, nada literário e sim literal, penso comigo, penso o outro e assim vou vivendo, aprendendo e escrevendo para eternizar o meu eu.

Giovanna Silveira dos Santos

Me chamo Giovanna e já passei por vários invernos, todos eles escrevendo. Minha paixão pela escrita começou ao adentrar a plataformas de histórias criadas por fãs de vários fandoms. Foi lá onde comecei a despejar tudo que me vinha à mente, poesias, novelas, mini contos, oneshots. Nesse tempo fui tradutora, revisora freelancer de um livro publicado e enfim escritora. Os temas que abordam o amor e suas nuances são os que mais me cativam, a psicologia por detrás desse sentimento humano único me fizeram criar cenários baseados em experiências pessoais e fictícias. Para mim, escrever não é apenas um ato, é criar um museu de páginas cotidianas e pessoais, é se tornar nefelibato, desobedecendo o racional e fugir da realidade.

Jair Pinto de Assis Júnior

Jair Assis é publicitário, com pós-graduação em Gestão da Comunicação Empresarial e mestrado em Ciências da Linguagem. Desde cedo, encontrou na escrita uma forma de expressar suas emoções e percepções do mundo, o que o levou a escrever poesias, crônicas e músicas ainda muito jovem. Essa relação com o texto, marcada pela sensibilidade e criatividade, foi fundamental para sua atuação como redator publicitário mais tarde em sua carreira. Com 17 anos de experiência em comunicação para serviços de saúde e instituições de ensino superior, Jair também compartilha seu conhecimento como professor universitário desde 2012. Desde 2014, coordena o curso de Publicidade e Propaganda da Universidade do Vale do Sapucaí - Univás. Seu trabalho e seus estudos abrangem áreas como criatividade, gestão de marcas e produtividade. Inspirado por sua paixão pela escrita, Jair Assis tem como propósito transformar pessoas para melhor por meio da educação e da comunicação, utilizando as palavras como ferramenta de conexão e transformação.

Jéssika Elisa Coutinho

Meu nome é Jéssica Elisa Coutinho moro em Congonhal tenho 20 anos sou estudante de Educação Física tenho muito apreço pela escrita e queria compartilhar um pouquinho do meio em que vivo. Minha inspiração na escrita e no dia a dia são os professores que sempre me motivaram e me deram todo apoio. Quero ser cada dia um pouquinho mais parecida com eles.

Letícia de Fátima Pereira

Meu nome é Letícia de Fátima Pereira, tenho 19 anos e sou estudante do 4º período de Psicologia. Minha motivação para escrever sobre a nostalgia da infância vem da busca por compreender como as experiências e memórias formam nossa identidade. Acredito que refletir sobre esses momentos preciosos da nossa vida pode nos ajudar a apreciar e valorizar o presente, enquanto nos inspira a buscar um futuro mais conectado com as coisas que realmente importam.

Micaele Pereira Santos / Wanessa Helenn Luiz Paiva Massini

Somos professoras da rede estadual de educação de Minas Gerais apaixonadas pelo mágico mundo do conhecimento, onde sonhos se tornam realidade e cada aprendizagem é uma jornada de encanto e descobertas. Atualmente cursamos o PPGEducS (Mestrado em Educação Conhecimento e Sociedade) da Universidade do Vale do Sapucaí motivadas pela busca incessante de aprimorar nossas práticas pedagógicas e ampliar nossos horizontes de sabedoria e contribuir de forma significativa para a construção de uma educação mais inclusiva, justa e transformadora. Embora enfrentemos desafios, não nos reconhecemos em outra função. Nossa paixão pela educação e a satisfação de ver o progresso dos/as alunos/as reafirmam nosso compromisso com a docência

Ramon Rodrigues da Silva Borba

Meu nome é Ramon Rodrigues da Silva Borba, tenho 24 anos, nascido em Bom Repouso - MG. Desde pequeno sempre tive muito interesse pela arte, a começar pelos desenhos que sempre gostei de fazer, desenhar talvez tenha sido a porta de entrada para esse mundo de possibilidades, que me possibilitou desenvolver o gosto pelo fazer artístico, sendo o gosto por escrever o mais recente deles. Acredito que através da arte somos capazes de imprimir de maneira muito particular e autêntica nossos sentimentos e emoções mais profundos, como se a arte fosse capaz de penetrar na profundidade da alma humana, de forma que ciência alguma é capaz de atingir

Renata Aparecida de Paula Pereira Aguiar

Professora formada em nível médio (Normal) em 1993, atuando desde essa data em escolas da rede municipal e estadual de Educação. Atualmente, trabalha como professora regente de turma numa sala de 3º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais e como vice-diretora numa escola estadual. Graduada em História pela UNIVÁS; Pedagogia pela UFLA; Pós Graduada em Psicopedagogia pela UNIG e Neuropsicopedagogia pela FAVENI. Atualmente, cursando Mestrado pela UNIVÁS como bolsistas do Programa Trilhas do governo de Minas Gerais.

Renata Junqueira Simões

Me chamo Renata e sou uma das autoras deste livro. Sou formada em Publicidade e Propaganda e, atualmente, estou cursando Licenciatura em Letras Português/Inglês. A busca constante pelo autoconhecimento me leva a utilizar a escrita como forma de expressar meus sentimentos mais profundos. Como uma pessoa de temperamento melancólico, a arte está presente em cada aspecto do meu viver. Espero que meu poema toque sua alma e o inspire a refletir profundamente.

Vitória Cristina Ribeiro de Souza

Eu sou Vitória Cristina Ribeiro de Souza, estudante do 6º período da graduação de Psicologia e atualmente tenho 20 anos. De modo geral, a minha relação com a Arte se iniciou durante a infância, aos 9 anos, com a escrita de pequenos contos, o que, com o passar do tempo, transformou-se em um amor por todo o expressionismo representado pelos poetas, os sentimentos e principalmente a fineza na escolha das palavras. Por consequência acabei me tornando poetiza e na busca por uma maior abstração dos sentidos acabei adentrando ao mundo da Body Art, o que possibilitou a materialização dos meus versos e a personificação das poesias que admiro.

Victória Ribeiro de Andrade

Sou a Victória Ribeiro de Andrade, estudante do 4º período de psicologia. Tenho um grande interesse pela arte, pintar e escrever se tornou algo muito importante na minha vida, é a forma que encontrei de transmitir meus sentimentos e colocar para fora aquilo que transborda dentro de mim. De certa forma minhas inspirações vem junto a uma multidão de sentimentos ou quando quero espairecer a mente, mas sempre busco novas formas de me conectar comigo mesma e com o mundo ao meu redor.

Wesley Gabriel Marcondes

Eu sou Wesley Gabriel Marcondes, nascido e criado em Cambuí, Minas Gerais, uma cidade ao sul, próxima a Pouso Alegre. Tenho 18 anos e estou cursando Psicologia, estando no momento no 2º período. Eu comecei a escrever quando tinha apenas 15 anos, decidi transcrever meus sentimentos e pensamentos de um fracasso amoroso em um simples poema. Na época, eu não compreendia nada sobre estruturas ou rimas, eu apenas escrevia o que sentia, e sinto que foi isso que me fez desenvolver uma paixão por escrever. Embora seja confuso e difícil externalizar um sentimento tão complexo como o Amor, quando eu me sentava para escrever sozinho em meu quarto, as barreiras dessa complexidade desapareciam, e a porta para a verdade se abria em minha mente.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer ao Prof. José Dias pela apoio imediato ao projeto de extensão; ao Prof. Atílio pela escrita e inspiração de suas palavras; e aos meus queridos alunos, que prontamente, engajaram neste projeto: Vitória Cristina e Wesley Gabriel. Vocês são geniais!

Eveline Raquel de Oliveira Moura
Coordenadora do Curso de Psicologia – Univás